

## A MULHER DE ONTEM E DE HOJE

### >Introdução: Do Velho ao novo.

>Não tenho a pretensão de comparar a mulher antiga à moderna. Almejo apenas descrever o modelo geral daqueles tempos, no sul do Espírito Santo, figurado em minha mãe e minhas avós. A mulher-tipo de uma determinada região do país, quando o Brasil era predominantemente rural, representava, pelo menos tipologicamente e, a grosso modo, todas as mulheres, porque havia um padrão geral de cultura e moralidade. O tribalismo indígena, a subserviência dos africanos e a familiaridade mistificada dos europeus portugueses, italianos e alemães formaram o amálgama da sociedade capixaba, modelo, de certo modo, da domesticidade das famílias tradicionais brasileiras: Clãs patro-matriarcais sólidos, intensos e amplos, nos quais os consórcios conjugais, majoritariamente, davam-se entre parentes de graus parentais até de primeiro grau. A mãe exercia influência decisiva sobre as filhas e os pais, sobre os filhos. Valiam os adágios: “Tal mãe, tal filha”; “tal pai, tal filho”. A repentina e extraordinária evolução cultural, a partir da década de cinquenta, mudou sociologicamente: A grande e bem estruturada família antiga cedeu lugar à família moderna, mais urbana que rural, mais atomizada no casal de poucos filhos e menos centralizada no clã extenso e interativo dos tempos pré-modernos. A mulher contida de ontem, essencialmente mãe, caracteristicamente doméstica, matriarca por excelência, esposa de dedicação exclusiva ao marido e ao lar, não mais existe.

### >Casamento prematuro.

Todas se casaram muito novas: Minha mãe, com quatorze anos, e minhas avós, segundo depoimento de meu pai, antes de completarem dezesseis anos. As meninas casavam-se muito jovens, ainda adolescentes, porque, creio, a expectativa de vida era de sessenta anos, aproximadamente. Havia exceções, pois alguns, especialmente mulheres, atingiam setenta ou até oitenta anos, que era idade avançadíssima para a época. Quando a menina se tornava adolescente, já estava amadurecida para o casamento, embora algumas, biologicamente, não estivessem suficientemente preparadas para serem mães. Aos seis anos, elas já cuidavam da casa: lavando, passando, tomando conta dos irmãos menores; até cozinhando. Do ponto de vista da domesticidade, as tenras mocinhas daqueles dias tinham mais condições de assumir um lar, uma casa e uma família que as jovens de hoje, pois cresciam em um contexto de familiaridade, onde todos os componentes da família davam sua contribuição nos afazeres domésticos. Além do mais, a educação das meninas, desde os primeiros dias de vida, destinava-se à preparação para o casamento, para a condição e o papel de esposa, e, sem dúvida, condicionava-as à maternidade e aos deveres maternos. As meninas da

atualidade preparam-se profissionalmente. Muito cedo, as jovencinhas tornavam-se esposas e mães, e com que responsabilidade respondiam a tamanhos desafios! A responsabilização delas, desde menininhas, antecipava-lhes a maturidade e, conseqüentemente, o senso do dever. Amadureciam-se com espantosa precocidade, o que não acontecia com os rapazes. Aliás, até hoje, as meninas amadurecem mais cedo que os meninos. Não se casa, modernamente, na adolescência, mas se prostitui. Antigamente havia mães adolescentes casadas; hoje, há mães adolescentes, e muitas, solteiras, que tem sido um imenso transtorno social, além de problemas sérios para as genitoras precoces e suas famílias. O princípio ético daqueles tempos, no concernente à sexualidade, era: “Sexo, somente no casamento”. A paroquialidade facultava a vigilância e fiscalização de natureza moral. Por isso, creio, serem raras as infidelidades conjugais e o sexo pré-matrimonial. O controle social fazia-se presente, forte e rígido.

#### **>Limitação de filhos e costumes rurais**

Os anticoncepcionais ainda não existiam. A concepção dependia inteiramente da fertilidade do casal e da saúde física de ambos os cônjuges, principalmente a da mulher. A natureza, certamente por ordenação divina, selecionava os mais fortes de cada família, os capazes de enfrentar e suportar a rudeza e a dureza das lides rurais. Havia, portanto, algumas proles numerosas, de filhos saudáveis, fortes e resistentes. Por outro lado, conheci muitas famílias pequenas ( de dois a cinco filhos ), mas com um índice grande de natimortos e óbitos na primeira infância. Houve também algumas mulheres que não conceberam como, por exemplo, dona Azenah Morais Coelho, esposa do meu particular amigo e benfeitor, Rev. Jáder Gomes Coelho, ambos, há tempos, falecidos. Estão no regaço do Salvador de quem foram servos fiéis. A humanidade não conhecia intervenções na ordem natural como, por exemplo, cesariana, parto sem dor, fecundação “in vitro”, fecundação artificial e barriga de aluguel. Tudo se creditava à vontade soberana de Deus, o Criador e Mantenedor de todas as coisas. A interferência do homem pode ter resultados finais indesejáveis e desagradáveis. A Igreja protestante dos meus tempos de menino, e uma parte dela caminha na mesma trilha, não divinizava a natureza, chamando-a de “mãe natura”. Éramos ensinados pelos pastores, pelos presbíteros e por nossos pais, especialmente nossas mães, que Deus fez a natureza e a dirige segundo os seus eternos propósitos. Até uma folha, quando se desprende da árvore, executa um fato preordenado por Deus. A soma das coisas mínimas forma e conforma as grandes coisas. Em outras palavras: Deus criou seres gigantes e corpos gigantescos, partindo de microscópicas moléculas e minúsculos átomos. Nada que existe, acreditávamos, apareceu por acaso. Tudo e todos têm seus propósitos pré-definidos pelo Criador. Assim, vivíamos no mundo de Deus e sabíamos que éramos patrimônio dele. Sentíamos a mão do Criador operando em nós e por nós na natureza e por ela. A crença no Deus Salvador levava-nos

ao Deus Criador. A família que tínhamos era uma dádiva do Pai eterno; e todos os dias nossas mães faziam-nos agradecer a nossa vida, o ambiente em que vivíamos, o pão de cada dia, nossos pais, nossos irmãos, nossos amigos, nossos vizinhos. Lembro-me de um pai-de-família, crente verdadeiro, agradecendo o almoço que fumegava na panela de ferro sobre o estrado do fogão a lenha com chapa de ferro: “Meu Pai, eu te agradeço a bênção do feijão, do angu e da taioba que nos dás agora, em nome de teu Filho Jesus, amém”. Aquele povo simples, composto de pais, mães, filhos e netos, vivia com um Deus real, experienciado; não um Deus formal, místico, alheio à realidade, às vezes duras, do cotidiano. Minha tia-avó, mãe de criação, católica fanática, rezava conosco, à noite, junto ao nosso leito: “Com Deus me deito; com Deus me levanto; com a graça de Cristo e do Divino Espírito Santo”. Vejo-a, memorativamente, depois de tantos e tumultuados anos, debruçada sobre mim, aos últimos raios da lamparina, fazendo-me repetir as palavras desta oração. Depois, virei protestante, mas o zelo da mãe adotiva deixou marcas educativas e psicológicas inapagáveis em minha vida. A mãe incute no filho as raízes de seu futuro, as marcas de sua personalidade, os fundamentos de seu caráter, os princípios de sua religiosidade.

Casais havia, como já lhes disse, sem descendentes, quer pela rejeição orgânica dos fetos de mulheres imaturas, biológica e anatomicamente inadaptadas à maternidade, quer pela esterilidade feminina ou infertilidade masculina. Em decorrência, pois, da seleção natural, as pessoas daqueles ambientes rudes e agressivos eram vigorosas e imunes às endemias, que dizimavam numerosos habitantes dos pequenos e pouco densos, núcleos de aglomerados rurais, povoados urbanos, ainda sem água potável e serviço sanitário. Os lavradores, não somente em virtude do isolamento, afastamento das fontes de contágio, mas, e principalmente, pelo vigor físico, resistiam melhor as epidemias como sarampo, catapora, febre tifóide, caxumba e até febre amarela. O tratamento dessas doenças fazia-se com remédios naturais. Atormentavam as populações rurais de clima quente, paredes de estuque e águas estagnadas, o mal de Chagas e a esquistossomose, infestações próprias da tropicalidade ambiental. Não era o nosso caso, pois vivíamos no município de Muniz Freire, ES, onde a temperatura ambiental oscilava de ameno a frio. Toda casa possuía uma talha de barro ( vaso grande de argila queimada ) sobre um pedestal de madeira com uma caneca metálica de folha galvanizada dentada nas bordas; que se destinava à tiragem da água; único cuidado verdadeiramente higiênico que conheci. A água do pote de barro não passava por qualquer tipo de filtragem, embora fosse retirada de fontes naturais aparentemente potáveis. A defecação orgânica era feita no mato, o que representava forte risco de contaminação das fontes e conseqüente transmissão de doenças. Algumas residências, poucas, tinham casinhas sanitárias, costumeiramente de tábuas, à margem do terreiro, sobre fossas abertas. Folhas de embrulho ou de jornal serviam de “papel higiênico”. Nas

casas onde havia cisterna, nem sempre a distância entre ela e a fossa era suficiente para evitar infiltrações contaminantes; mas era um avanço, sem dúvida. Com tudo isso, havia uma sanidade geral, porque a população diluía-se em vastas áreas, tornando-se mínimas a poluição química e a contaminação orgânica.

### **A beleza natural.**

A mulher dos meus tempos de infância, e em minha região de origem, não maquiavam as faces, não pintavam os lábios e as unhas. As jovens usavam um leve pó de arroz e um suave “rouge” nas faces. Tudo muito discreto e natural. Assim, as feias não se travestiam de bonitas, e as bonitas antes do repouso o eram depois, ao se levantarem; a imagem jamais se transmudava. Descartava-se a possibilidade de um noivo casar-se com uma “princesa de laboratório” e viver com uma “gata borralheira”. A maquiagem apenas disfarça os defeitos; e usada imoderadamente pode deformar o semblante e desfigurar o retrato real. Os excessos de hormônios dos anticoncepcionais e dos produtos de beleza criaram um tipo de mulher artificializada, alterada em sua psique e, conseqüentemente, inatural. As etiquetas, por outro lado, artificializam os comportamentos, principalmente os da mulher elitizada. Antigamente, tudo era muito simples; não existiam as pessoas robotizadas comportamentalmente, nem de aparências artificiais. Hoje, não mais se encontra, nem nas zonas rurais, a pessoa natural. As mulheres aspiram uma beleza de “misses”: Altas, magras, seios de médios para grandes e nádegas bem estruturadas. Se a natureza negar-lhes tais atributos, buscam-nos nas cirurgias estéticas, nos botoxes, nos implantes de silicone, nas maquiagens corretivas, nas malhações intensivas, nas lipoesculturas, nas pinturas e cortes de cabelos. A Raquel das núpcias é a Lia do dia seguinte. Vi mulheres adultas bonitas, moças e adolescentes lindas à beira do fogão de lenha ou junto à bica, areando panela de ferro com areia, carvão de madeira e limão rosa; beleza que não se modificava muito aos domingos e nas poucas festas do interior. Muitos anos depois, já morando em uma cidade de porte médio, fui pensionista de uma família, onde havia uma jovem solteira, branca, funcionária pública. Algumas vezes a vi, ao levantar-se, descorada, olhos morteiros, miúdos, um aspecto inapresentável. Meia hora depois, mais ou menos, ela saía da “toilette” outra mulher: Corada, olhos grandes e vivos, lábios vermelhos, cabelos arranjados. Dava para enganar bem. Hoje temos caras, corpos, cabelos e músculos artificiais. No meu tempo de criança dominava a natureza e, por isso mesmo, as mulheres eram mais belas, mais saudáveis física e psicologicamente e, acima de tudo, boas filhas, esposas e mães.

Nem todas as mulheres de nossos dias são “bonecas”; muitas se vestem bem e maquam-se, mas sem desfiguração da imagem natural. Essas, Geralmente, são boas filhas, boas esposas e boas mães em um mundo em que as pessoas deixam-se levar pelas imposições da tecnologia e do meio. No bojo

do artificialismo hodierno, portanto, há mulheres de extraordinário caráter e personalidade indiscutível. Ressalto, porém, as antigas, as sertanejas das décadas de trinta a cinquenta, exatamente quando o Brasil sofria profundas transformações socioculturais, políticas e econômicas no governo Vargas. O conceito de beleza feminina daqueles tempos era o da mulher de padrão médio, nem muito gorda nem muito magra, físico médio. A magricela, raríssima de se encontrar, não faria o sucesso que as magérrimas fazem hoje. As moças, em épocas de aperto na lavoura, ajudavam o pai e os irmãos. Para evitar queimadura de sol, ferimentos de insetos e irritação epidérmica causada por plantas urticárias, elas usavam chapéu de aba larga, proteção do pescoço, vestidos longos e camisas de mangas compridas. Com tais proteções, a beleza juvenil preservava-se. Conheci um proprietário rural, pai de seis filhas e dois filhos, todas as filhas casaram-se bem e viveram e vivem com seus maridos. Nem é preciso dizer que eram, e ainda são, muito bonitas. A beleza natural permanece; a artificial pouco dura. Algumas mulheres lavradoras, de origem nacional, por falta de cuidado, expunham-se ao sol, provocando amorenamento, enrugamento e enrigecimento da pele. Jamais vi mulher descendente de italiano, de japonês ou de alemão com queimaduras e enrugamento precoce de pele. E o povoamento estrangeiro no Espírito Santo era considerável, já nos meus tempos de menino

#### **>A maternidade.**

No meu tempo de criança, na zona rural do Espírito Santo, nem se falava em ginecologista; todas as mulheres davam à luz seus filhos por meio de parteiras. Curioso, não morriam de parto, e os filhos nasciam sadios e perfeitos. Conheci a esposa de Paulino Moreira, um presbiteriano tradicional, que teve vinte e um filhos; todos sobreviveram fortes e saudáveis. Oficiei o sepultamento de dona Mariana, no município de Iúna, distrito de Irupi, ES, falecida aos noventa e oito anos, tendo sido a mais famosa parteira daquele distrito. Pouco antes de morrer, já doente e fraca, ela me disse: “Por minhas mãos já passaram mais de duas mil mulheres; “peguei” todas essas crianças, e nunca perdi nenhuma”. Os partos eram feitos em casa, à luz de lamparina. Os cordões umbilicais eram cortados e os umbigos, tratados com medicação caseira pelas próprias e hábeis parteiras. A mulher, de primeiro parto ou não, ficava quarenta dias de “resguardo”, recolhida ao quarto, alimentando-se de canja de “galinha gorda”, cujo caldo era consumido com “rosca seca”. As galinhas eram previamente separadas, aprisionadas no galinheiro, recebendo ração especial e abundante. A engorda era impressionante. Ficavam tão pesadas, que tinham dificuldades de andar. A rosca seca, trançada, e as tranças ligadas ponta com ponta, formando círculo. As padarias, todas de fornos a lenha, assavam-nas e as vendiam às dúzias, que se transportavam em barbantes, em forma de colar. Soube que dona Olinda, nossa vizinha, consumiu, no parto do caçula, dez dúzias delas. Rosca seca, molhada no caldo quente de galinha gorda, era deliciosa; tive a oportunidade de provar. O trigo

com o qual se confeccionava a rosca era puro, procedente da Argentina; daí a boa qualidade do produto dele procedente. Embrulhava-se o recém-nascido com uma faixa de pano chamada “cueiro”. O bebê ficava durinho, à semelhança de uma pequena múmia, apenas com os bracinhos e as perninhas livres. Isso era providencial para evitar, por inadequada manipulação, torções ou até lesões na sua frágil coluna. Creio ser por isso que não se falava, naqueles dias, de “bico de papagaio”, pois quando a criança era liberada para o “colo de inexperientes, a espinha dorsal já se encontrava bem calcificada. Os banhos, nos primeiros dias de vida, eram dados pelas avós, com o cuidado que a prática lhes comunicara ao longo de muitas experiências somadas ao acervo da tradição. Eu e meus cinco irmãos nascemos por meio de parteiras. Naquelas épocas, nem se imaginava parto por “cesariana”; todos eram naturais, naturalíssimos. Também a maternidade, cuidados maternos, era de dedicação exclusiva e tempo integral: vinte e quatro horas por dia. Os filhos e filhas, nascidos em casa, nela permaneciam, muitos deles, a vida inteira. As mães amamentavam-nos até três ou quatro anos. Conheci dona Ritinha, habitante no município de Iúna, ES, que amamentou um de seus filhos até os cinco anos de idade, enquanto amamentava outro de três e o recém nascido. Completava-se o aleitamento com mingau de fubá ao leite de vaca ou de cabra. O leite de égua destinava-se à fortificação das crianças ou ao combate de anemia. Os seios eram realmente maternos; não exibidos como símbolos sexuais ou como troféus de beleza, o que fazem algumas mulheres modernas. Quando a mãe tinha necessidade de alimentar, pelos seios, em público, o seu bebê, cobria os seios com uma toalha, porque o “peito” era privativo do lactante, jamais objeto de libido. A sensibilidade labial faz a criança chupar dedo e até “bico de travesseiro”, quando desmamada muito cedo. A chupeta de uso contínuo e por muito tempo deforma a gengiva, projetando os dentes caninos para frente. Naqueles dias antigos, aproximadamente setenta anos atrás, havia uma chupeta de borracha, leve, em forma de bolinha, com um furinho por onde o ar escapava, quando pressionada, emitindo um apitinho agudo. Entre a bolinha e o bico arredondado, colocava-se uma rodinha branca, tipo arruela, para evitar que a criança a engolissem. Toda criança, algumas até o quinto ano de vida, mantinha na boca a tal chupetinha cor de abóbora. Ela tanto a chupava como a mastigava, girando-a de um canto ao outro da boca.

Não havia fraldas descartáveis; usava-se a de pano, que era lavada, passada a “machambombo” para ser reutilizada. A higiene dos bebês e das criancinhas era feita em bacias de folha galvanizada ou gamelas, usando, obvio, água morna e sabonete, que era privilégio de bebês. Depois de enxugados, as partes íntimas recebiam pulverização de talco Gessy ou Pom-pom. As bacias, quando, por ação de ferrugem, apresentavam furos, o seu fundo era removido e substituído por um de madeira, fixado por taxinhas pretas, pregadas triangularmente. Não apresentavam vazamento, pois, na parte da roda de madeira de lei, onde se prendia a folha pela a aoréla do fundo, era

coberta por resina de jatobá, um extraordinário vedante. A duração da bacia com fundo de pau era três vezes mais, no mínimo, do que a de fundo original de folha. O alumínio ainda não era utilizado na confecção de utensílios domésticos.

Lavei os pés para dormir, durante anos, na bacia de fundo de pau. Já como pastor, em muitas casas do interior de meu estado, higienizei os pés com água aquecida em panelas de ferro e colocada em gamelas grandes, fundas, com quatro orelhas nas bordas, destinadas à manipulação. Lavados com sabão de decoada, os pés eram colocados nas bordas da gamela ( ou da bacia ) para a secagem. Enquanto secavam, o papo, na cozinha, continuava; o fogo ardia na lenha do fogão; os biscoitos de polvilho espocavam debaixo da tampa pesada da panela grande de ferro. A comandante era a “dona de casa”, mulher que, muitas vezes, apresentava mais sabedoria e melhor conexão com a realidade de seu ambiente cultural que seu marido. Quase todas sabiam ler; escreviam mal, mas liam razoavelmente. A bíblia era o principal, senão o único livro de leitura diária. As filhas preparavam-se para as artes domésticas culinárias e artesanais: Cozinhar, fazer doces, pães, bolos, broas, biscoitos; passar, costurar, bordar, tricotar e outras prendas. Muitas casas possuíam fusos e rocas, instrumentos com os quais as mulheres e mocinhas teciam com fibras de algodão ou pelo de carneiro, por elas mesmas preparados.

As meninas brincavam de “casinhas”, de “adultas”, vestindo os vestidos da mamãe e calçando-lhe os sapatos. Fingiam-se de noivas e de mamães. As bonecas eram de pano, feitas pela mãe ou pelas irmãs mais velhas. Bonecas de louça existiam, mas custavam caro. O plástico não havia sido descoberto. Até espiga empalhada de milho, quando nova, funcionava como boneca de “cabelos loiros”. Um ensaio ingênuo, mas necessário; um preparo mental e psicológico para esposas e mães que seriam. Os meninos brincavam de pião, bodoque, bolinha de gude ( bolinha de vidro ) e de espingardinhas de cano de guarda-chuva por eles fabricadas. A segunda fase dos meninos era junto aos pais em todos os seus afazeres. Eles passavam para os filhos tudo que aprenderam de seus ancestrais. As meninas modelavam-se pelo inspirador padrão de suas mães, que as preparavam para serem esposas, donas de casa e, especialmente, futuras mães, capazes de proteger e educar os seus descendentes. O maternalismo jamais cessava. Mesmo velhinhas, algumas avós, bisavós e trisavós, continuavam mães ( a mãe velha ) de todos os descendentes. Com que carinho o clã inteiro tratava a matriarca, conselheira das mais novas e “curandeira” de larga experiência e eficiência. Ninguém conhecia mais raízes, bulbos, tubérculos, caules, cascas, resinas, frutos, seivas, óleos e folhas medicinais que ela. Para cada doença, havia um chá ou xarope adequado de produtos naturais. A maternidade matriarcalizada exercia-se de geração a geração. As mães que conheci eram profundamente dedicadas e amorosas, mas também enérgicas. Quando um filho ou filha cometia um erro, especialmente no campo moral, apanhava, não antes de

ouvir o porquê apanharia. Era a vara educativa, corretiva, usada com prudência, não o punho violento ou o porrete espancador.

As mulheres dos meus dias de infância eram muito simples. Vestiam-se modestamente. Seus vestidos eram longos e sem decotes dianteiros ou traseiros. O tecido do batente diário era o “riscado” de algodão e a “mesclinha”. Nos dias de folga ( domingos e feriados ), usavam-se o “voal, o cetim e a seda. Andavam, costumeiramente, descalças. Sapatos, só para Igreja ou festas. Na quarentena pós-parto, usava-se um chinelo denominado “alpargata”, um calçado barato, quente e macio. O tecido feminino mais caro era o tafetá-seda-pura, usado para vestidos de noiva. Das mulheres casadas de meia-idade os cabelos não eram cortados. Deixavam-nos crescer, enrolava-os e os prendiam acima da nuca em um arranjo chamado de “coque”. As novas usavam tranças, uma ou duas, ou deixavam os cabelos crescer até à altura do início das nádegas. O lenço de cabeça era costume geral em dias de semana.

Quase todas as matriarcas do clã familiar sabiam costurar, sendo a costureira do casal, dos filhos e dos parentes. Já existia a “máquina Singer de pedal” ( máquina de pé ), mas muitas ainda costuravam com a de mão. A minha bisavó confeccionou vestidos de noiva, de seda ou cetim de várias descendentes na maquina de mão. Presenciei-a cortando, pelo molde de outro, o vestido de noiva de uma das suas netas.

O convívio com o marido, apesar de respeitoso, jamais incluía submissão impositiva. Ao contrário, quem administrava o lar era a esposa, inclusive a indumentária do marido. Houve um vizinho nosso, dono de uma pequena propriedade, que quis vender o terreno, chegando a entrar em negócio com um de seus confrontantes. A esposa não concordou e, em consequência de sua discordância, o negócio não se efetuou. Por estar envolvida em toda a administração familiar, quando o marido falecia, ela continuava, com igual eficiência, o comando do patrimônio, sem se descuidar do lar. Exemplo: Dona Carlota; depois da morte do esposo, assumiu a administração da fazenda “Santa Maria”, tendo mais sucesso que o seu ex-consorte. Meu pai foi seu meeiro de café. O respeito à mulher estava expresso nos provérbios populares: “Em mulher não se bate nem com uma rosa”. “Homem que bate em mulher é covarde”. Era vergonhoso um homem bater em sua esposa, geralmente mais frágil que ele. Não conheci nenhum caso. As mulheres eram excelentes cozinheiras. Não havia óleo vegetal. Todas as comidas eram temperadas com gordura ou banha de porco, e ninguém era obeso nem reclamava de problemas digestivos, renais e hepáticos, porque muitas energias gastavam-se nas pesadas atividades diárias. As meninas nasciam, cresciam, transformavam-se em mulheres, casavam-se, reproduziam, segundo a natureza, e morriam idosas, mas joviais. Muitas das que enfrentavam as duras lides da lavoura sofriam enrugamento da pele facial, mas não apresentavam problemas de deformações colunares ou obesidade.

Comi, na minha infância, saborosos doces de mamão verde ralado ou espelhado; batata doce; abóbora; miolo da haste de mamão; goiaba; casca de laranja ou cidra, e outros. Saboreei também bolos, biscoitos; pães caseiros e broas de fubá, feitas com melado de cana madura. O frango com quiabo ou palmito rosa ficava delicioso. Com todos esses afazeres, a mulher antiga, sem maquiagem, sem botox, sem lipoescultura, sem cirurgia estética; sem nada disso, mantinha a jovialidade e a feminilidade de maneira natural. Eram belas sem tecnologia ou ciências estéticas. Não sofriam as agressões da poluição ambiental, próprias das medias e grandes cidades. A pele da mulher é mais sensível e de maior elasticidade que a do homem; ela precisa de mais plasticidade epidérmica, especialmente abdominal, para a gravidez. Também são mais propensas às varizes e às celulites. O trabalho variado e continuado contribuía para a melhor circulação do sangue e queima de gorduras. Em decorrência de seu ativismo constante, a mulher pré-urbana era menos afetada por gordura geral ou localizada. O urbanismo agrediu física e psicologicamente a mulher, e o artificialismo tirou-lhe a naturalidade, dando-lhe beleza artificial, gestos programados, etiquetas sociais requintadas e trejeitos convencionais padronizados e, conseqüentemente, afetados. Comparem o andar de uma índia, com seus passos curtos e graciosos, com os de uma modelo atual, pisando longo e duro, com os pés alinhados, torcendo inaturalmente o corpo. Como as índias, mais ou menos, andavam nossas bisavós e avós na passarela da natureza.

#### **>Namoro, noivado e casamento.**

No meu tempo de menino, a população era predominantemente rural, com famílias patrimatriarcais, fechadas em seus limites territoriais, domésticos e éticos. Cada núcleo familiar possuía moralidade, hábitos e costumes próprios, geralmente herdados de seus ancestrais. Somavam-se à cultura de gueto poucas influências sócio-ambientais. A formação era acentuadamente de clã. As filhas apegavam-se às mães, que lhes serviam de modelos. Os filhos, mais brutalizados que masculinizados, seguiam o tradicional predominismo paterno. O masculinismo marcava a juventude daqueles dias, no tempo dos jargões: “Homem, que é homem, não chora”; “homem não leva desaforo para casa”; “o homem, que é homem, dá um boi para não entrar na briga, mas se entrar, dá uma boiada para não sair”. “A resposta de uma tapa na cara é um tiro na fuça”. Os rapazes levavam a sério tais conceitos: Eram bravos, destemidos e aventureiros. Quanto mais valente o moço, mais admirado pelas moças.

Os pobres exibiam com orgulho as mãos calosas pelo uso contínuo dos cabos da enxada, da foice e do machado. Os pais conheciam os “bons noivos” para as filhas pela calosidade de suas mãos.

Aos sábados, tomava-se banho de bica, córrego ou rio; ensaboava-se bem com sabão de barra ( sabão do reino ), enxugava-se ao sol. Na falta de calor solar, usava-se toalha de saco de trigo, o melhor que havia. Depois de

banhado, vestia-se a melhor roupa, colocava-se um chapéu de feltro na cabeça, umas gotas de “óleo Dirce” no pescoço e no sovaco, uma faca de ponta ( punhal unigume ) na cintura e descalço, saí-se à busca de baile, de rezas ( havia muitas ladainhas e novenas ) nas casas e nas capelas dos povoados. Nada de devoção, pelos menos para a maioria, pois o alvo era encontrar namoradas; e frequentemente as encontravam, mas nunca fora dos olhares vigilantes das respectivas mães. Começado o namoro, o rapaz distanciava-se do grupo para freqüentar a casa da namorada todos os sábados, quando morava longe e também aos domingos, em se tratando de vizinho ou residente próximo. Na sala residencial da moça, assentados, um ao lado do outro, no banco de madeira maciça sem encosto, mantinham certa distância. Olhavam-se de soslaio com os olhos brilhantes de amor passional. A mãe da namorada, sempre atenta, somente se afastava para coar o café no coador de pano ( flanela branca ), mas só o fazia quando um dos irmãos da pretendente a substituíam no posto de vigia. Raramente uma irmã o fazia, pois os pais não confiavam plenamente na vigilância feminina, sempre mais tolerante ou convenientemente “descuidada”. O café de garapa não significava exatamente um gesto de hospitalidade, mas de despedida. Era uma forma de dizer ao “incômodo” visitante, principalmente nos primeiros dias de namoro, que a hora da partida havia chegado; isso, lá pelas vinte e uma horas. Geralmente ele compreendia. Se não o fizesse, o pai da jovem gritava lá de dentro, sem mostrar a cara: “Fulana, tá na hora de dormir”. Esta frase dava à mãe autoridade para dizer ao rapaz: “Você pode ficar à vontade, não se avexe, mas fulana vai preparar-se para dormir”. A namorada, inibida e envergonhada, mas obediente, despedia-se do rapaz, que respondia, beijando-lhe o dorso da mão direita. Seria o fim de uma “noite romântica? Não. Os dois passavam a noite, um pensando no outro, recordando e revivendo todos os apaixonados olhares, os insinuantes gestos de carinho, as palavras sussurradas de amor. Depois de noivos, a situação melhorava. O noivo já podia pegar a mão da noiva e encostar-se nela, não muito; os raios do olhar vigilante da genitora eram penetrantes de mais, mais fortes que o calor dos corpos apaixonados, inibindo-os a uma aproximação maior, mais aconchegante. Em média, o namoro durava três meses; o noivado, seis. Não havia “chá de panela”, “despedida de solteira”, “lua de mel”. Para filhos e filhas de fazendeiros, a casa já estava pronta, na ocasião do casamento. Casavam-se e, na mesma noite, iam para a residência própria humildemente montada. Os rapazes pobres, quando se casavam, já haviam garantido uma “colônia”. Assim se chamava a parcela da fazenda cedida a um meeiro, contendo casa de pau-pique, estuque e piso de chão batido, impermeabilizado com “estrupe fresco” de boi. A cama, um jirau de ripa de palmito. O colchão, um saco de pano grosseiro cheio de palha rasgada de milho. O travesseiro, geralmente do mesmo tecido do colchão, continha paina da paineira selvagem. O vasilhame, o mais simples existente. Os colonos mudavam de meias e de patrões, mas o

casamento, embora passasse por crises financeiras, responsáveis por imensas dificuldades, não se desfazia. Conheci muitos jovens colonos, incansáveis trabalhadores, que se tornaram proprietários, e alguns bem sucedidos. Ao lado deles, porém, estavam as fidelíssimas esposas, trabalhadoras, zelosas e com impressionante senso de economia.

Os rapazes de maiores posses, e eram poucos, visitavam as namoradas ou as noivas a cavalo; este, geralmente, da raça sertaneja. Não se falava em “manga larga” ou ‘campolino’. O jovem, em sua montaria, chegava galopando, freava o ginete bruscamente, levantava as patas dianteiras de seu “corcel”, e as fazia bater fortes à porta da pretendida. Em seguida, tirava os pés do estribo e, diante da moça, que o admirava, jogava uma das perna por cima do sela e saltava com altivez e elegância, mostrando ser hábil na montaria. Entrava; tirava o seu chapéu de lebre ou um “panamá”, cumprimentava os pais da moça, distribuía balas populares aos familiares e, finalmente, dava a destra à namorada ou noiva, segurando-lhe, prolongadamente, a mão direita, cujo dorso beijava. Mesmo os mais ricos, raramente visitavam suas eleitas calçados, e quando o faziam, usavam botas chiadeiras de elásticos nas laterais dos canos, moda característica dos fazendeiros. Era “chique” para aqueles dias, sinal de mando e posse. Um dos familiares levava o cavalo para a cocheira, se houvesse. Não havendo, amarrava-o a uma árvore ou estaca, alimentando-o com espigas ou porções de milho; tirava-lhe o arreio e escovava-lhe o pelo suado com uma “raspadeira” metálica de dentes rombudos. O pobre animal tinha de esperar horas a fio. Namoro bom, gostoso, de dois corações abrasados, durava muito. A chegada, aos sábados, era, mais ou menos, às quinze horas. A saída, por volta de vinte e uma horas. Para montar, o peão firmava as mãos no cabeçote da sela; saltava, fazendo uma volta no ar, e caía enganchado na montaria. O exibicionismo, acompanhado de uma boa dose de machismo, era grande, mas bem visto pela apaixonada menina, que a tudo acompanhava com olhos vivos, brilhantes, sorriso amplo nos lábios. Na despedida, depois do discreto beijo na mão direita da amada, repetia-se o cerimonial da montaria. A moça dava, à porta, adeusinho ao amado com as duas mãos espalmadas, agitadas de um lado para outro: Uma linda cena de amor romântico!

### **O noivado.**

Não se noivava sem a dura e espinhosa missão de pedir ao pai a “mão de sua filha”; isto é, requerer a liberação da moça para que ela se tornasse noiva do candidato suplicante. Alguns pais eram durões; mas quanto mais rigorosos os patriarcas, mais cobiçadas tornavam-se suas “jóias femininas”. Poucos rapazes tinham coragem de pedir a namorada em casamento. Anos depois, com a sociedade em processo de mudança, noivei-me. Foi meu primeiro noivado. Não deu certo. Quem, em meu lugar, pediu a moça em casamento foi um presbítero, Nilton Oliveira. Ele trabalhava como comprador de madeira, residindo em Colatina, ES. A futura noiva era funcionária da

firma Scarton, mas sua família morava em Nazário, que era, naquele tempo, distrito de Mantena, MG. Viajamos de Jeep até o patrimônio ( Vila ) de Vermelha. Deixamos lá o carro e fomos a pé, cerca de dez quilômetros, até a propriedade do “velho”. Em lá chegando, todos nos esperavam, inclusive a noiva. A chegada deu-se, mais ou menos, às dezesseis horas de um sábado de maio de 1959. Depois da recepção, com algumas decepções, tomamos banho no córrego, que serpenteava, quase em nível, entre os cafezais, formando poços de até um metro e meio de profundidade. Em um deles, o mais escondido, banhamo-nos despídos. Trocamos a roupa da viagem por uma mais nova e de melhor qualidade. Lembro-me bem: Vesti uma calça marron-claro de linho e uma camisa branca, também de linho. Voltei, com o Nilton para a casa do homem, usando chinelos de um dos ex-futuros cunhados. O marido, famoso por sua bravura, falava fino. A esposa, sertaneja robusta, altura média, cara redonda, meia-idade, basta cabeleira despenteada, falava grosso. Soube depois, que ela era excelente baixista do coral da Igreja presbiteriano de vila do Nazário. Jantamos na cozinha; pratos de ágata na palma da mão. Uma comida saborosa: Angu, lombo frito de porco, mandioca frita, arroz e feijão mulatinho. Após a refeição, fomos para sala, onde haveria o “temeroso pedido”. Muita conversa inicial sobre assuntos diversos, antigos, novos e emergentes. Depois, a futura sogra abriu o questionário sobre a minha vida, o meu futuro e as minhas pretensões. Ela falava muito; o marido a tudo ouvia em silêncio, de cabeça baixa e semblante pouco amigável. Preocupava-me a demora; o tempo corria, mas o noivado não vinha à tona. A certa altura, lá pelas vinte e duas horas, o senhor Nilton introduziu o assunto: Senhor José ( pessoa real, mas nome fictício ): Estou aqui com a incumbência de pedir-lhe a mão de Priscila ( nome fictício ) para o Onezio. Ele pretende noivar-se dela, mas para isso, precisa de seu consentimento e de sua liberação. Os anéis de noivado estão aqui: Exibiu-os. O pai da moça começou a falar, mas foi interrompido pela esposa: Quero saber deste moço o seguinte:

> *O senhor tem boas intenções com minha filha ou é mais um dos enroladores?*

> *Como posso saber se o senhor é gente boa ou não? –*

> *O senhor tem condições de sustentar minha filha?*

> *Saiba que nós aqui não admitimos namoro indecente nem infidelidade.*

Fiz gesto de responder... O Nilton tomou a frente: Respondeu por mim. Defendeu-me, garantiu minha lisura de caráter e minhas condições morais e financeiras para a formação do futuro lar.

> A velha, mesmo desconfiada, concordou. O velho: Laconicamente: *Também concordo.* O Nilton, então, entregou-me a aliança de noivado, pedindo que a colocasse no dedo anular direito da Priscila. Em seguida, pediu que ela colocasse o anel no meu anular direito. Em seguida, recomendou: *Dêem as mãos. Demo-las.* Ele, por sua vez, pronunciou: *Eu, em nome de*

*Deus e dos pais da Priscila, declaro-os noivos.* Fomos cumprimentados pelos familiares, menos pela mãe da noiva. No dia seguinte, à despedida, o futuro sogro me disse: *Espero que sejamos amigos.* Nunca mais o vi. Nilton, figura histórica real, já faleceu. Sua esposa, dona Neusa Emerich, creio, ainda vive no bairro do IBES, em Vila Velha, ES, mulher exemplaríssima, uma cristã maravilhosa. Tiveram três filhos: Nilton, Adalto e Hulda.

Para o segundo noivado com a atual esposa, eu mesmo fiz o pedido. Houve menos tensão e nada de protocolo; apenas isso: Senhor Dionísio: Vou ficar noivo de sua filha; o senhor concorda? –*Concordo*, respondeu. Coloquei a aliança no dedo dela. Coloquei a minha no meu próprio anular. Estava realizado o noivado. Foi tudo muito simples. As coisas mais naturais, menos sofisticadas, são mais autênticas e duradouras, como no meu caso. Nosso namoro foi à moda antiga, mas sensivelmente romântico. Tudo me fazia pensar nela, todas as coisas lindas da vida e da natureza: O céu azul, as estrelas piscando, os flocos de nuvens brancas movimentando-se no céu, formando figuras diversas, a brisa fresca da manhã ou da tarde, as flores do jardim, as fontes cristalinas, minhas colegas de trabalho...Minha noiva foi a menina do sonho meu; estamos juntos há mais de cinquenta anos.

A submissão respeitosa e morosa das filhas aos pais preparava-as para a submissão ao marido, mas sem subordinação; uma servitude semelhante à da Igreja-esposa ao Cristo-esposo. Os pais preservavam as filhas; elas se auto-preservavam. O patriarca desejava entregar ao marido uma filha virgem, exatamente como recebeu uma virgem de seu sogro. A perda prematrimonial da virgindade constituía-se desrespeito e até ofensa aos zelosos genitores, que não toleravam prostituição ou adultério. A mãe solteira daqueles tempos experimentava ferrenha oposição da família e execração da sociedade. Com os rapazes, os pais mostravam-se mais tolerantes, mas qualquer um deles que engravidasse a namorada ou noiva, tinha de casar-se com ela, e rapidamente. Havendo resistência, o casamento seria “realizado na plúcia”.

### **Nosso Casamento.**

Nosso matrimônio realizou-se na Igreja Presbiteriana de Barra de São Francisco, ES. Noivo: Terno preto, camisa branca, gravata azul com listas transversais vermelhas. Noiva: Vestido branco, véu, grinalda e *bouquet* de botões de rosa na mão. Tudo mais moderno, mas não tanto como agora: Não havia os recursos fotográficos modernos. Máquinas portáteis de filmar não existiam, pelos menos em minha cidade. Na época de nosso casamento, 1961, o Brasil passava por efervescência política, cultural e econômica: Juscelino, no governo, executava o plano governamental “Cinquenta em cinco”; entrávamos na era da metalurgia e do automobilismo; os sindicatos adquiriam poder e força; a “jovem guarda” divulgava, pelos hábitos e composições musicais, o trio depravante: Sexo, droga e Rock; a indumentária passava a ser “unissex”; a linguagem popular modificava-se; os jovens rebelavam-se; apareceram os hippies: Jovens revoltados contra o

conservadorismo e a tradição; o processo de enfraquecimento da família entrava em curso.

O casamento moderno é de fraca passionalidade, de romantismo programático, de falsa exibição dos costumes dos ancestrais, pois, quando se casa, geralmente os “noivos” já se conheciam sexualmente; vulgarizavam-se as relações pré-matrimoniais e o sexo promíscuo. O casamento perdeu o romantismo e adquiriu sofisticação com extrema visibilidade, especialmente da noiva. O que era união conjugal, hoje é contrato de parceria. A conjugalidade real deixou de existir, deu lugar ao acordo cartorial, quando existe, de convivência entre um homem e uma mulher, mas sem nenhum compromisso de perpetuidade. O nupcialidade desmoralizou-se tanto, que está vindo aí, procedente do México, o “casamento com data de validade”, cuja duração deverá ser de, no mínimo, dois anos. Como havemos de almejar uma sociedade sadia, se o lar começa doente?

### **Ontem e hoje.**

Eram tempos de transição. Detalhemos: A jovem guarda dominava as paradas musicais, influenciava a moda, alterava a linguagem, fazendo a gíria predominar nos colóquios vulgares. O rádio tornava-se popular; a televisão em preto e branco, embora cara, atingia até as pequenas vilas pelo canal da Tupi, emissora dos Diários Associados. O antigo estava, não somente sendo ameaçado, mas substituído pelo novo. E, de fato, foi. Nossos tempos são, agora, de tecnologia avançada: Teleguiados, microondas, microfibras, celulares, nanociência, televisão led bi e tridimensional, computador, internet, notebook, ipad, ipod, games e outros. Tais avanços provocam: Casamento online, sexo virtual, visualizações eróticas e tantos outros males. O calor humano tem sido substituído pelo calor eletrônico da mídia. As sociedades familiares enfraquecem-se ou se desfazem. As pessoas cada vez mais se isolam; estão interagindo mais com personagens visuais, que com outros seres humanos reais.

As famílias abastadas, que até então mandavam as filhas para internatos femininos, onde cursavam o Normal para se tornarem professoras do então ensino primário; agora mandam-nas para as faculdades que se multiplicam, principalmente as de pedagogia, direito, sociologia, psicologia, ciências contábeis e enfermagem. A mulher, prioritariamente esposa e mãe, passou a disputar com os homens o mercado de trabalho, inicialmente nas áreas do comércio, da saúde, da educação e da sociologia. Depois, progressivamente, foi ocupando espaços em todas as profissões. Impressionava-me ouvir as notícias de mulheres policiais na capital paulista. Hoje, já com oitenta e dois anos, longe da zona rural, encaro com naturalidade mulheres engenheiras, pilotas de aviões de grande porte, comandantes militares, legislativas, executivas ( uma presidente ) e tantas outras funções. Fala-se, hoje, com desdém e sarcasmo da mulher estritamente do lar como “motorista de fogão”. A palavra “doméstica” passou a ser pejorativa. Somente mulher de baixo

nível social, cultural e econômico exerce função doméstica. No meu tempo de criança, a cozinha funcionava como área de serviço da esposa-mãe: E que pratos gostosos saíam das mãos habilidosas das excelentes “dona de casa, que manipulavam pesadas panelas de ferro; controlavam a lenha que ardia no fogo do fogão; temperavam a comida com sal grosso de Mossoró e condimentos verdes da horta caseira. Além de exímias cozinheiras, lavavam, passavam a ferro a brasa ( engomador); dobravam e guardavam as roupas em malas. Não havia guarda-roupa. Na casa de minha mãe adotiva havia três malas gigantes, que serviam de guarda-roupas e mais uma canastra com alças laterais para o transporte de indumentárias ao lombo de burros. A mulher tinha um trabalhão para guardar a roupa passada, e um trabalho maior ainda para retirar peça por peça do uso diário ou accidental. Areavam panelas; limpavam pratos de ágata e talheres galvanizados; cuidavam da casa; amamentavam filhos; educavam-nos; e ainda encontrava folga, não sei como, para habilidades artesanais: Tricô, crochê, costura, tecelagem no fuso e na roca. Tais heroínas criaram gerações de homens e mulheres dignos, decentes, compromissados com a honra do tálamo conjugal, com a decência da família, com a indissolubilidade do casamento, com a dignidade profissional, com a moralidade pessoal. Raramente se ouvia falar em separações e divórcios, em infidelidade e traições conjugais, em homossexualidade. A mulher no interior do lar era como a rainha na colméia: Tudo dependia dela, inclusive o marido, por mais autoritário e machista que fosse. A união marido-esposa era tão forte que, quando um morria, o outro caía em um estado triste de solidão e depressão; definhava-se, isolava-se, rejeitava companhia de filhos e filhas. Morando sozinho ou sozinha o viúvo ou viúva não durava muito. A mulher era, realmente, carne da carne e osso dos ossos do marido, uma unidade verdadeiramente consensual e consubstancial. O coração da esposa batia para o esposo; o do esposo pulsava para a consorte; o diálogo interativo constituía-se na razão da unidade conjugal; isto é, um sob o jugo do outro, compartilhando a carga de ambos e a do lar: uma união de sentimentos, de pensamentos, de espíritos e também de corpos. A própria natureza, as contingências ambientais, a cultura herdada, enriquecida pelas contribuições pessoais e pelas informações culturais da sociedade circundante; tudo se originava dos mesmos nexos formativos, contribuindo para a estabilidade social, moral e religiosa da família. A integração entre clãs criava uma afinidade solidária impressionante. As famílias, culturalmente, assemelhavam-se, o que facilitava sobremaneira a consensualidade matrimonial.

### **União de clãs.**

O casamento unia marido e mulher, prioritariamente, mas também unificava as famílias dos cônjuges: Todos se tornavam parentes extremamente afins. As noras e os genros pediam a bênção ( tomavam a bênção ) aos sogros e às sogras por considerá-los pais e mães, uma fraternidade bonita de se ver e

de sentir-se. Os laços matrimoniais, portanto, prendiam dois núcleos familiares. Imaginem vários rapazes e várias moças casando-se com famílias diversas: A familiaridade tornava-se extensa, pelo entrelaçamento de famílias numerosas, o que evitava muitos problemas relacionais entre os clãs. Raramente conflitos sérios ocorriam. As igrejas presbiterianas rurais ou de pequenos povoados constituíam-se, quase exclusivamente, de familiares, o que facilitava a doutrinação, mas dificultava a disciplina. As mulheres, vinculadas à Sociedade Auxiliadora Feminina, exerciam funções fundamentais nas comunidades presbiterianas, especialmente nos campos: evangelismo, ensino e ação social. Nas igrejas daqueles dias, e ainda hoje, a mulher era, e é, mais consagrada e mais ativa que o homem. Muitas congregações rurais nasceram em suas residências e por direta iniciativa delas.

A mulher matriarcal exercia um papel importantíssimo, não somente como parteira das filhas, noras e netas, mas, acima de tudo, como conselheira. A avó era respeitadíssima, consideradíssima. Sua palavra continha a força da experiência, da sabedoria pragmática e da autoridade moral. Conheci inúmeras matriarcas extraordinárias. A sociedade moderna constituída, dinamizada e gerenciada por jovens tecnicamente habilitados, profissionalizados, independe dos velhos e, em conseqüência, os exclui. Os que não são “depositados” em casas ou clínicas de repouso, que não passam de escravidão geriátrica, são renegados a um quartinho nos fundos da residência, manipulados, nem sempre com carinho, consideração e amor. O velho perdeu a autoridade, a palavra e o valor no seio da família contemporânea. Não há mais integração real entre famílias de filhos consorciados matrimonialmente. A matriarca: mãe, sogra e avó, não existe de fato e praticamente, mas somente genealógica e juridicamente. São cada vez mais raras as netas que abraçam e beijam carinhosamente as avós; situação realmente crítica e triste, pois essas madres ancestrais, além de unificadoras das famílias, representavam uma insubstituível força educadora, socializante e espiritualizante. Os jovens mais cultos que seus pais tecnologicamente, desprezam seus conselhos e, em muitos casos, menosprezam-nos. As filhas casadas de hoje usam as mães e as sogras, enquanto têm energia física, para “cuidarem” de seus filhos ( netos delas ) para que possam trabalhar. É mais uma carga em cima da mãe, que já suportou tantas e tão pesadas. Quando a velhice as inabilita, são tidas, por muitas filhas e noras, como um “imprestáveis” e, como tais, “descartáveis”; e então morem no abandono psicológico e social em um “abrigo” qualquer para idosos.

#### **>A mulher de hoje.**

A mulher moderna torna-se, cada vez mais, independente profissional e economicamente. Muitos benefícios advieram da liberação feminina como, por exemplo, contribuição da mulher nas várias áreas do ensino, nas profissões liberais, no comércio, nas comunicações, nos transportes, nas

indústrias e na política. Também as condições financeiras das famílias melhoraram com a dupla fonte de renda. Malefícios, por outro lado, podem ser apontados:

a- O lar deixou de ser o casulo da mulher rodeada de filhos para tornar-se, quase sistematicamente, um dormitório de sócios conjugais.

b- O colo da mãe foi substituído, em grande parte, pelos braços, nem sempre carinhosos, da babá ou por berços de creches, muitos deles pouco maternais.

c- A liderança paterna praticamente desapareceu diante do igualitarismo. O gerenciamento da família ficou indefinido. O homem, que deveria continuar sendo o cabeça da mulher como Cristo é o cabeça da Igreja, cedeu lugar a uma biunidade, quando existe, marido-mulher; tornando-se o lar apenas uma sociedade bipolar. Considerando esposo e esposa, consensualmente um corpo moral, psicológico e espiritual, marido e mulher; no contexto atual, semelhante corpo assemelha-se à união de “irmãos siameses”: Corpos unidos pela sexualidade e até pela necessidade, mas cabeças separadas; o que representa, segundo a teologia bíblica da união conjugal, uma aberração.

d- A ausência da mãe como centro da convergência de todas as atividades familiares, inclusive as sentimentais e emocionais, deixa um vazio impreenchível na vida, na psique, no coração e na mente dos filhos. Não sendo mais a mãe a “rainha do lar”, a colméia familiar dissolve-se e as abelhas ( filhos ) desorientam-se e até se perdem. O maior malefício que a liberação feminina trouxe foi a perda da objetiva “maternidade”, isto é, o seu exercício permanente e efetivo. O lar se priva do mais poderoso estruturador da personalidade e do caráter dos descendentes diretos e até indiretos.

e- Antigamente o lar era central na vida da família; tudo procedia dele e girava em torno dele, principalmente a educação, feita por transferência vital e experiencial de pais para filhos. Falo de educação formativa, não de instrução informativa, acumuladora de informações desvinculadas da vida real, mais deformadora que educadora, sobrecarregada de ideologias políticas e sexualismo travestido de educação sexual. A informação sem formação gera técnicos, profissionais e cientistas, mas, rigorosamente falando, não forma caráter honrado nem personalidade social, moral e espiritual. A informação prepara os cérebros e os adentra para as funções propostas, mas os prepara, verdadeiramente, para a cidadania, a paternidade, a maternidade e domesticidade, pois ela é, na atual conjuntura, neutra, financista e ideológica.

b- A religião tribal, familiar, veiculadora da teologia da paternidade celeste, um Deus presente, atuante, protetor e abençoador do clã, cedeu lugar a um ecletismo no qual convivem inúmeras divindades, todas fora das realidades individuais e promotoras de supostas bênçãos. Nenhuma age sobre o caráter de seus seguidores. Resultado: O predomínio de crenças psicológicas e, ao mesmo tempo e pelas mesmas pessoas, transmissoras de

ateísmo prático. A consequência de tudo isso é a perda de grande parte de nossa juventude para os diversos vícios: tabagismo, alcoolismo, drogas e sexualismo fisiológico e visual. A tecnologia avança aceleradamente; atrás dela corre velozmente a imoralidade: Muitas pessoas cultas e ricas, mas moralmente desenformadas umas e depravadas outras, dão certa credibilidade ao mundanismo concupiscente de nossa época. A corrupção está contaminando todas as classes sociais na mesma proporção do enfraquecimento dos lares, da perda de autoridade liderante dos pais e dos regaços acolhedores das mães. A sociedade mudou para mais aquinhoadas de bens materiais, culturais e tecnológicos, mas para menos fraternal, menos ética e menos espiritual. Todo ser humano procede da mulher e por ela passa, necessária e educacionalmente, como educando. Mal formada sendo a genitora, deformada, conseqüentemente, será sua geração imediata.

### **A Mulher do Pastor.**

O fato de os filhos viverem com a mãe nos seus primeiros dias de existência, especialmente as filhas, que jamais dispensavam o amor e os cuidados maternos, estruturavam-se social e psicologicamente para viverem em sociedade, compreenderem os desiguais e respeitarem os diferentes. A interação entre irmãos e irmãs de diferentes idades e temperamentos, gerava na mente e no coração de cada um deles o senso de respeito ao próximo, de convivência participativa, de tolerância e de espírito comunitário. Tal cultura social os descendentes levavam para as suas futuras gerações. A herança cultural da família apresentava-se mais forte nas mulheres.

O fato de as meninas serem criadas na Igreja, único meio social disponível; receberem dela e do lar educação cristã rigorosamente modelada pelos sacratíssimos pressupostos bíblicos; tendo o caráter formado e conformado pelo exemplo das mães e a ética das Escrituras; preparadas ficavam, desde muito cedo, a serem esposas e mães responsáveis e respeitáveis. Vendo, por outro lado, como viviam as esposas dos pastores, verdadeiros modelos de dignidade, fidelidade, piedade, companheirismo e consagração, o sonho de todas as moças era ser esposa de pastor, homem cujo amor bipolarizava-se entre a consorte amada e seus contínuos e pesados labores na Igreja de Cristo. Os pastores casavam-se com suas irmãs em Cristo, formando um par querido, respeitado e considerado. A mulher do ministro, desde o início da vida conjugal, servia de exemplo para outras mulheres, um tipo de conselheira matriarcal. Todas que conheci, quando ingressei na Igreja como convertido, em 1943, e como professo, em 1946, inspiravam-me admiração e respeito pelas condutas exemplares e pela espiritualidade. Eram mulheres que irradiavam luminosidade impregnante onde viviam e por onde passavam. Vestiam-se com extrema moderação, primando mais pelo testemunho que deveria dar, que pelo embelezamento de seus corpos. A matriarca pastoral exercia seu matriarcado pela adequação indumentária, a

conversação sadia, o companheirismo harmonioso, o zelo conjugal e a firme delicadeza maternal.

Das famílias grandes, extensivas até quatro gerações, saíam as esposas dos pastores. Além da formação geral, as meninas e as moças evangélicas recebiam sólida educação doméstica e boa instrução bíblica. Lembro-me das maratonas bíblicas, nelas as meninas sempre triunfavam sobre os meninos. As famílias presbiterianas nunca deixavam seus filhos e filhas sem uma instrução básica. Quando não havia escola por perto, a Igreja contratava professor e providenciava uma “escolinha” ao lado do templo. Lá estavam as alunas de saia azul plissada e blusa branca; algumas de pés descalços, outras de sandálias. Às paupérrimas a Igreja, embora pequena e pobre, doava os uniformes confeccionados pela SAF local. A vida e o ensino confessional lançavam as bases dos lares futuros.

Os prazerosos sociais, esportivos e sexuais praticamente não existiam; tudo se compensava pela sólida fraternidade comunitária, pelos laços fraternais das famílias entrelaçadas por casamentos e afinidades convivenciais de parentes e vizinhos. Também não havia fatores interferidores no casamento como: Padrão convencional da mulher bonita; uso mercantil da sexualidade feminina; prioridade profissional da mulher em detrimento da maternidade e do maternalismo; educação centralizada exclusivamente na escola, perdendo a mãe a força educadora; profissionalização da mulher e sua independência profissional e financeira; redução do número de filhos, diminuindo o tamanho e a influência da sociedade familiar; o belezismo, provocando a busca dos meios, instrumentos e produtos de beleza; o materialismo, apego ao monetarismo e preferência por pessoas aquinhoadas de bens materiais e culturais. A mulher moderna, generalizadamente falando, tem excessiva preocupação com a beleza física: Corpo, rosto, cabelos, seios e pés. As mulheres do meu tempo de infância e adolescência preocupavam-se, prioritariamente, com a maternidade e a domesticidade, renegando à segunda plana o embelezamento de seu corpo, embora andassem bem vestidas, bem arrumadas, conforme o padrão de indumentária e beleza de seus tempos. Não sei como faziam, mas elas extraíam perfume das flores e, com eles, perfumavam-se. Havia uma florzinha lilás, que somente se abria à noite, da qual se retirava um perfume de cheiro suave, muito gostoso. Hoje, a mãe, em prejuízo do filho e em benefício próprio, retira-lhe o seio muito cedo, antes mesmo de o corpo do bebê ter incorporado os anticorpos necessários à sua defesa orgânica. Deixa a criança com a babá e as mamadeiras de leite industrializado pré-confeccionadas na geladeira ou no frizer e, ou vai, antes de retornar ao emprego, para a academia com o objetivo de “reconstituir” seu corpo, refazê-lo, retomar o esbelto perfil de antes, enrijecer e aprumar seus bustos, tirar os “pneuzinhos” laterais. Algumas, à proporção que a flacidez invade seu físico, conseqüência natural do envelhecimento, apelam para as operações plásticas e aplicação de silicone. A naturalidade, a modéstia e a

simplicidade caracterizavam as mulheres de pastores, muitas delas geradoras de numerosos filhos, exemplos de esposas, de mães, de servas de Deus, e de modelos para as mais novas. A casa, abrigo do casal e dos descendentes, era a sua redoma de ouro; sua família poderia ser comparada a uma colméia em que ela ocupava a posição de rainha; em torno dela tudo girava, dela todos dependiam, inclusive o marido. Havia mais preocupação com a moral, menos com o corpo.

A mulher evangélica, caracterizava-se por sua modéstia no vestir, por sua humildade existencial e por sua sensatez comportamental. São raras, na sociedade moderna, as que se comportam semelhantemente. Muitas, ao contrário, são “moderninhas”, “atualizadas”, “inseridas” em “seu mundo”, mas dissociadas da ética bíblica. Algumas andam de mini-blusas, mostrando uma faixa nua da barriga, com o umbigo à mostra, como se fossem mocinhas “pops”. Outras se maquiam exageradamente. Pouquíssimas, mas já existem, exibem a gravidez como troféu, descobrindo o abdômen, o que, a meu juízo, não é de bom alvitre e de péssimo testemunho cristão. Tenho saudade das mulheres dos tempos antigos, sem a carga hormonal dos anticoncepcionais, sem os rostos modificados pelas maquiagens, sem as plásticas rejuvenescedoras e estruturadoras. As faces femininas pré-adolescentes, adolescentes, jovens, maduras e idosos eram naturais e, a não ser aquelas queimadas e enrugadas pelo sol de verão dos climas tropicais, apresentavam belezas sem retoques, exibindo impressionante feminilidade. Lembro-me de dona Carola, uma das irmãs de minha avó, com mais de noventa anos, conservava o rosto praticamente sem rugas, cabelos brancos, abundantes e longos, uma voz macia, delicada, suave e feminina, apesar de doze filhos e as mãos calosas do cabo da enxada. Filhos não deformavam a mãe nem a faziam apresentar envelhecimento precoce. A mulher nasceu para ser mãe, exercer a maternidade com dignidade e amor, jamais para ser boneca de vitrine ou modelo *fashion*.

Do universo sócio-cultural e de uma Igreja zelosa dos bons costumes gerais e da ética cristã, os jovens seminaristas retiravam suas esposas, costumeiramente bem formadas e, acima de tudo, preparadas para a domesticidade, para o comando do lar e para ser a auxiliadora do marido. A tradição patri-matriarcal teve continuidade na formação dos núcleos familiares posteriores durante várias gerações. A interferência da esposa no ministério do marido era de natureza moral, de serviçalidade doméstica e de participação nas atividades da Igreja no mesmo nível de suas conservas; nenhuma copastoreio. Ela também era ovelha de seu marido-pastor.

#### **A mãe e o Culto Doméstico.**

Era bonito de se ver: A respeitosa, enérgica e amável matriarca, ancestral do clã familiar, assentada à mesa grande de tábuas maciças, pés quadrados e grossos, bancos laterais, ambos seguindo os lados mais longos do móvel. O esposo à cabeceira. Sobre a mesa, um bule de fundo alargado,

redondo, de folha metálica esmaltada, contendo leite quente de vaca; outro; este de fundo estreito arredondado, bem mais alto, cheio de café, cujos grãos a velha senhora havia torrado na panela de ferro fundido e moído no moinho, também de ferro, fixado por pregos grandes na face interna de um dos esteios da cozinha ou portais. Em uma gamela de tamanho médio, feita pelo marido, de *pau-gameleiro*, estavam, sistematicamente, uma ou duas coisas da relação seguinte: Batata doce assada ou cozida; mandioca cozida ou frita; angu ( feito de fubá com leite ), salgado ou doce, ( uma gostosura ); broa de fubá e melado de cana; biscoito de vento ( de polvilho ); pão caseiro ( assados no forno tipo “casa-de-João-de-Barro” ); biscoito de polvilho temperado com gordura de porco, “biscoito favado”, muito crocante e saboroso; bolinho vira-vira; *biscoito-candongueiro* de farinha de trigo, ovos e manteiga. Tinha esse nome porque, na gordura quente, estourava, estouros que eram ouvidos na casa inteira. A panela na qual se o fritava, era tampada com um prato com peso dentro, providência que evitava perda de gordura e acidentes com queimadura. Depois desse maravilhoso e fraternal café da manhã, a mãe ordenava a um dos filhos ou a uma das filhas a recolher as vasilhas do café. Feito isso, todos se reorganizavam à mesa, cada um em seu lugar. A anciã tirava um hino dos Salmos e Hinos, ao qual todos cantavam, até as criancinhas, com alegria no rosto e fé no coração. Depois, a palavra era passada ao marido, que lia um texto da Palavra de Deus, fazia uma breve oração e encerrava com o Pai Nosso. Assim, a matriarca fazia as atividades diárias começarem e se encerrarem com devocional.

Com filhos unidos aos pais e todos unidos a Cristo, não havia como dar errado. A viabilidade daqueles descendentes levarem para a vida adulta e para seus futuros lares uma educação informal sadia, firmada na graça divina, fundamentada nas Escrituras, era imensa, e de fato acontecia na esmagadora maioria dos novos núcleos familiares.

A esposa consagrada, zelosa, maternal, regaço e aconchego dos filhos, exemplo de piedade, de respeito, de bom senso; compassiva, compreensiva, perdoadora e amável, mesmo nas horas tristes, é uma segurança para o marido-pastor. Quando ele chega das longas jornadas pastorais, trazendo o fardo pesadíssimo dos problemas das ovelhas de Cristo entregues ao seu pastoreio, doendo em seu coração as suas dores e repercutindo em seus ouvindo os seus tristes gemidos, alguns desesperançados, e então recebe da amorosa esposa o abraço carinhoso e penetra no recesso de um lar acolhedor, limpo, harmônico e cristão; um seguimento da verdadeira Igreja, onde Cristo realmente é Rei e rainha, encontra incrível refrigério para recuperação de ânimo e renovação de entusiasmo. O caloroso acolhimento da consorte e o abraço dos filhos são-lhe o alento de que necessita para as duras e incessantes refregas pastorais. O ministério doméstico da mulher, ocultamente, embasa, fortalece e qualifica o pastorado do marido. Esposa não é, nem deve ser, pastora, mas companheira real, amparo emocional, apoio imprescindível,

auxiliadora indispensável. Dona Edith, esposa de um extraordinário ministro de nossa Igreja, em conversa à mesa, em sua casa, disse: *Quando o Américo está pregando, eu fico orando por ele, para que Deus o ilumine, para que coloque em sua mente e em seus lábios o que ele deve falar para edificação da Igreja e evangelização dos visitantes.* Naquele tempo, por volta de 1959, o pastor não pregava para ser eleito na Igreja ou, sendo efetivo, não predicava para “conservar-se” na Igreja. Tanto o culto como a pregação visavam a glória do Senhor Jesus e a manifestação de sua vontade, jamais serviam para a glorificação do humana, realização de sua vontade, como de dividendo aos seus óbolos e excitação de seus prazerosos desejos. Infelizmente, o culto cristocêntrico cedeu lugar, na mente e no coração de numerosos evangélicos, à satisfação antropocêntrica.

O pastor que me evangelizou possuía uma esposa do tipo descrito acima. O marido passava duas ou três semanas por mês fora de casa, em seus campos ministeriais, variados, extensos e pobres. Família enorme: filhos e filhas. Ela cuidava de todos eles com extremado zelo, e ainda sobrava tempo conservar para cozinhar, lavar, passar, limpar a casa, costurar para os familiares, participar das reuniões da SAF, das reuniões de oração, dos ensaios do coral, e realização do culto doméstico com os filhos todas as manhãs. Fazia tudo com um sorriso encantador e uma constante expressão de alegria. Deus lhe deu a bênção de ver todos os filhos e filhas criados, formados, encaminhados na vida, mas sem abandonarem a Igreja.

A mais sagrada das realizações humanas é a maternidade sem jaça: Dela procedem todas as famílias honradas, todos os grandes heróis, todos os indivíduos decentes, todos os filhos dignos, todos os bons cidadãos. Da maternidade e do maternalismo nascem e deles dependem as sociedades bem estruturadas, socializadas e ordeiras tanto quanto as próprias civilizações. Uma Igreja sem lares harmônicos, pacíficos, unificados, cristãos, sadios espiritual e moralmente, não consegue unificar-se, santificar-se, ser missionária e evangelizadora. O mundo não depende, rigorosamente falando, do trabalho extra-lar da mulher, mas de sua maternidade responsável e de sua exclusiva dedicação ao corpo doméstico, organismo formada por marido, esposa e filhos. A Velha humanidade começou no útero de uma mulher, Eva. A nova iniciou-se no ventre de Maria, a mãe humano de Jesus Cristo, Senhor da criação redimida.

A esposa do pastor não deve “tomar a frente” de qualquer seguimento da Igreja. A liderança geral e as departamentais são atribuições do ministro docente, dos ministros regentes e dos líderes leigos da comunidade. Ela entrou na Igreja com o marido e sairá com ele, mas o membros naturais e seu corpo liderante permanecem. Ela, por outro lado, precisa evitar a sua “elevação” ao posto de “primeira dama”, mas ter a consciência de que é uma serva entre as servas do Filho de Deus, chamada para ser esposa de ministro, o que é mais responsabilidade que privilégio. Compete-lhe ser auxiliadora de

retaguarda do marido, ser mãe e mestra de seus filhos, ser base e coluna de seu lar. Fazendo assim, estará ajudando, e muito, o pastor, pois ele carece de um lar aconchegante, de um sacratíssimo ninho de seus filhos. Ele, que tem pouco tempo para ficar com seus filhos e, quando fica, a interferência de membros da Igreja e a presença, no seu cérebro e no seu coração, de problemas pastorais, conturbam e desqualificam seus “momentos familiares”. A boa e consciente esposa substituí-lo-á, preenchendo o vazio da autoridade e da assistência emocional paternas deixado pelo marido, que precisa ter a mente e o coração voltados para a Igreja e a cada um de seus membros. A esposa dedicada e delicada, consciente de seu papel de “mulher de pastor”, pastoreia sua família, como geralmente fazia a “dona da casa pastoral” de meus tempos de infância; e o fazia com tal eficiência que os filhos pouca sentiam a ausência física e a falta de efetivo apoio do pai; protegendo-os contra traumas, revoltas e frustrações. Quando a esposa “pastoreia” bem o “rebanho familiar”, o marido pastoreia bem a Igreja; isso somente acontecerá se ele for realmente chamado por Deus para o ministério pastoral.

Toda moça, que se candidata a ser esposa de pastor, deve, antes, pensar que ocupará a posição similar à de uma rainha de colméia, isto é, será a comandante de seu clã pastoral, parcela do aprisco das ovelhas de que seu marido é pastor. No centro do núcleo familiar, um redil do redil, estará entronizada como rainha moral, social e espiritual. Por ocupar posição de evidência e proeminência, precisa ser dinâmica, eficiente, habilitada para a maternidade e para a liderança do lar. O marido terá, se for pastor de fato, destaque na Igreja, se ela for destaque no lar. A futura esposa de ministro, embora se prepare intelectualmente, não deve pensar em profissões seculares nem almejá-las. Sua vida toda deve ser com e para o seu marido-pastor, com e para seus filhos, no e para seu lar. Ela é missionária do missionário, orando com ele e por ele, velando pela pureza de sua vida pessoal e a de seu lar, dando bom testemunho cristão diante da Igreja e perante o mundo, sendo mulher de princípios e de fé. Assim como o seu esposo-ministro, ela precisa contentar-se com o que Deus lhe der pelas mãos da Igreja. A frugalidade da família pastoral não pode ser por imposição econômica, por filosofia de vida, mas natural e espontaneamente, porque Deus não chamou o marido, e com ele, a esposa, para serem poderosos, eminentes e ricos, mas servos dele, servindo o seu povo congregado na Igreja ou disperso no campo pastoral. A família pastoral é a família nas famílias; a família das famílias; a família para as famílias. Em um campo ministerial em que todos são favelados, o pastor não pode habitar uma casa luxuosa. Onde todos são trabalhadores rurais, morando em casas de estuque ou palafitas, o pastor não deve ocupar uma casa requintada de fazenda ou habitar na cidade, fora do rebanho, sendo apenas um visitante desengajado de supostas ovelhas, todas pobres e humildes. Por outro lado, a esposa não há de ser uma “manequim” de modas femininas na Igreja, vestindo-se muito acima de suas irmãs, ovelhas de seu marido. As interações:

pastor-família; família pastoral e Igreja; família pastoral e famílias da Igreja são fundamentais para o bom pastorado e para a unidade do rebanho. O mesmo Deus que vocaciona um homem e o separa dos demais para ser pastor de suas ovelhas, separa também uma de entre as mulheres, previamente por ele habilitada, para ser sua esposa, criar com ele uma unidade conjugal modelar. Quando o marido não é vocacionado, mas a si mesmo se vocacionou, sua consorte também, certamente, não o é, constituído-se de intrusos pretensiosos no ministério, o que será um desastre para a Igreja, embora possa ser uma “solução” material e social para ambos, uma forma de sobrevivência em um mundo competitivo como o nosso.

Conheci excelentes esposas de pastor que não se projetaram como professoras, organistas, regentes de coral ou superintendentes de Escola Dominical, mas como auxiliaoras beneméritas dos pastores no contexto da família e como exemplos de dedicação, simplicidade e humildade. Aliás, quando a esposa do ministro se torna proeminente na comunidade, transforma-se em “concorrente” do pastor, criando mais problemas que gerando soluções. As principais virtudes da esposa do ministro são: Modéstia, simplicidade, honestidade e consagração, pois ela foi chamada, não para estar na vanguarda da obra ministerial, mas na retaguarda, como autêntica auxiliadora de seu marido pastor. Cônjuges, segundo os propósitos divinos, são unos, uma só carne, os que estão sob o mesmo jugo, os que suportam e transportam a mesma carga, mas os temperamentos, as preferências, as personalidades, psicologias e papéis de cada um são distintos: Há o que específico do homem e o que é próprio da mulher, mas os dois se completam. O homem enxerga os objetos e os seres em sua totalidade, conjunturalmente, mais como desafios às suas conquistas que como maravilhas e mistérios. A mulher vê as particularidades, as minúcias, a harmonia das partes, para depois contemplar a beleza ou feiúra do conjunto. O homem é mais racional. A mulher é mais emotiva, mais sensitiva, mais perceptiva. Os dois completam-se, equilibram-se, tornam-se uma consensualidade uua sem ferir as individualidades. Falo do conjugo verdadeiro, o casal que Deus ajunta, especialmente o pastor e a esposa, quando um é escolhido para o outro e ambos são chamados para a unidade ministerial. Não se iludam: Para aquele que Deus vocaciona e chama para o pastorado, ele igualmente vocaciona e habilita moral, psicológica e espiritualmente aquela que vai ser sua esposa, sua consorte para sempre. Um casal ministerial é composto de vocacionados: O marido para ser pastor; a mulher para ser esposa de pastor. O casamento é unidade na desigualdade para estabelecer igualdade de propósitos, de meios e de fins. Quando o homem, candidato a ministro do Evangelho, escolhe a mulher de seus encantos, de sua preferência, de seus desejos à margem da vontade divina, sua unidade conjugal, certamente, não será um corpo ministerial, prejudicando ou mesmo desqualificando o seu pastoreio.

A solidez da ancestralidade, especialmente a matriarcal, viabilizou o aparecimento e a continuidade de muitas gerações de ministros presbiterianos como, por exemplo, os originários das famílias Emerich, Sathler, Eller, Cunha e, principalmente, César. Numerosos são os evangélicos descendentes do pernambucano e pastor, Rev. Belmiro Cesar. Conheci um de seus descendentes, Rev. Benjamim Lenz César; fui contemporâneo de dois de seus filhos no Seminário do Centenário, Clebem e Éber Lenz César. Todos os filhos de Benjamim ( quatro ) tornaram-se pastores. Benjamim quase não parava em casa, mas no interior do lar havia uma esposa pastoreando a família. Assim, com seu sangue, seu leite, seu calor corporal, o pulsar de seu coração materno e o vibrar de seu espírito regenerado, gerou, criou, protegeu e educou uma das mais extraordinárias famílias de nossa Igreja.

As tradições: “Comida da mamãe” e “cozinha da vovó” vieram dos tempos da culinária doméstica das maravilhosas “donas de casa”, mães de numerosos filhos e que manuseavam panelas de ferro em fogões a lenha, que temperavam com alho e cebola colhidos na roça e condimentos retirados da horta doméstica, salgavam com sal grosso de Mossoró, natural, pedras grandes opacas. No referido sal encontravam-se conchinhas do mar. Dessas mulheres exemplares, inigualáveis, herdamos: Frango caipira com quiabo; café de coador de pano; broa de fubá com melado; doce de mamão ralado e espelhado; doces de laranja e cidra de diversos tipos; queijo e manteiga caseiros; pé-de-moleque; curau; pamonha, canjiquinha com costelinha de porco e tantos outros produtos culinários. Inclusas nessas mulheres do passado, também extremamente habilidosas, estiveram as esposas de saudosos ministros. Conheci algumas, famosas por suas habilidades artesanais e culinárias.

Naqueles tempos, a Igreja passava por dificuldades: Pequena; carente de recursos; poucos ministros para muitas igrejas; predominância rural da população presbiteriana; oposição externa fortíssima; estradas precárias, todas de chão; locomoção pastoral, quase sempre, sobre equinos e muares; transporte coletivo praticamente inexistente; nenhum meio de comunicação ( telefone fixo ou móvel e internet. A televisão apareceu na década de cinquenta, em preto e branco, mas somente nas cidades médias e grandes. Nem se falava em plano de saúde para pastores e famílias. Hospitais, somente em cidades de maior densidade populacional, cujos acessos, além de difíceis, eram distantes. O pastor, além da evangelização e da doutrinação, tinha de cuidar da defesa da fé, pois a oposição do catolicismo, do espiritismo, do adventismo e dos testemunhas de Jeová não davam tréguas aos ministros. Os crentes, sentindo-se pressionados, apelavam para o pastor. Eram tempos de intensas polêmicas. O ministro, na vanguarda, terçava armas apologéticas com todos e quaisquer adversários. A esposa, na retaguarda, sofria as conseqüências de tudo; era a única confortadora e consoladora do marido em muitas e variadas circunstâncias. Nela encontrava o regaço acolhedor, a

palavra de ânimo, o carinho confortador, o entusiasmo para a batalha e o apoio para continuar. Na verdade, ela funcionava como sua psicóloga e, o que é mais importante, como incansável auxiliadora e intercessora. Dona Olívia, esposa de pastor e mãe de numerosos filhos, todas as noites orava, e pedia a cada filho e filha que orasse pelo pai, para que Deus o protegesse nas viagens e nos trabalhos pastorais. Lembro-me de ouvir, antes do almoço, a prece gratulatória de sua filhinha caçula, de quatro ou cinco anos: “Papai do Céu, abençoa o papai, que está longe de nós, ajudando outras pessoas”. Assim eram as esposas de pastores, desprendidas heroínas da causa do Mestre, mulheres às quais a Igreja muito deve. Está difícil, em virtude das circunstâncias modernas, a esposa do pastor consagrar-se, à semelhança das antecessoras. É preciso, porém, que ela tenha, antes de tudo, três qualidades essenciais: Crença, amor e dedicação. Sem estas virtudes, dificilmente ajudará, de fato, o seu marido no ministério.

Que saudade de uma dona Odete Emerich, de uma dona Aurora Emerich, de uma dona Diva Boechat, de uma dona Leonídia; mulheres lutadoras, fidelíssimas cristãs, habilíssimas artesãs, cozinheiras primorosas, doceiras incomparáveis, esposas exemplaríssimas, amparos de seus maridos, mães dedicadíssimas e, acima de tudo, servas consagradíssimas de Jesus Cristo. Viveram em tempos trabalhosos, compensados por uma moralidade sadia na vida pessoal, familiar e social. Nessa época, o adultério não era tolerado; tomava-se a palavra “ladrão” como ofensa, pois a honra e a honestidade eram as maiores riquezas do ser humano; quem xingasse alguém de “filho da puta”, deveria, antes, preparar-se para a reação violenta do ofendido. Não se ouvia falar de homossexualismo masculino e, muito menos, feminino. Defendia-se, com zelo extremo, o respeito entre os sexos. O namoro e o noivado eram românticos, carregados de sentimentos e emoções, mas sem aproximações físicas sensualmente comprometedoras. Beijo na mão da noiva, sim; na boca, jamais. O branco imaculado do vestido de casamento era, realmente, símbolo de virgindade da noiva e, no caso dos evangélicos, figura das bodas do Cordeiro, representação da Igreja sem mácula.

#### **Mais contato com a natureza.**

A mãe daqueles longínquos e saudosos tempos, por viver em contato direto com a natureza e em uma sociedade familiar solidária e organizada, desenvolvia incríveis habilidades para detectar e manipular folhas, raízes, tubérculos, cascas, resinas, essências e óleos vegetais para tratamento de várias doenças de seus filhos; e os curava. Naquele interior selvagem, infestado de cobras peçonhentas, especialmente jararacas, os lavradores eram mordidos enquanto carpavam, roçavam, derrubavam e colhiam. A maior incidência de picadas ofídicas verificava-se no roçado das matas e nas colheitas de feijão. Os mordidos de serpentes eram tratados com remédios naturais por mulheres e homens experientes, formados na escola efficientíssima da vida. Embora com algum sofrimento, sobreviviam.

Raríssimos óbitos aconteciam. Meu respeitado pai foi mordido várias vezes e tratado por vó Carola com chá de folhas e uma flor da floresta de cujo nome não lembro mais. Creio ser flor de jacarandá preto, conservada seca em sacolinha de pano.

O calo do pé direito da vó Verdiana não falhava. Quando doía, a chuva estava para chegar. E realmente chovia. A tia-avó Antônia, muitas vezes, avisou o marido para recolher o café do terreiro, porque a chuva estava chegando; e chegava. Ela passava a mão nos longos cabelos e sentia que eles “avisavam” a chegada da chuva. Que tipo de mensagem meteorológica seus cabelos anunciavam, não sei explicar... Somente posso dizer que funcionava.

As mães distinguem o choro de suas crianças: Choro de fome, choro de dor de cabeça, choro de dor de barriga, choro de pirraça e choro de carência afetiva. O aconchego íntimo e interativo com o filho e o contato direto com a natureza aguçavam na mãe o instinto natural da maternidade e, em conseqüência, ela se transformava em eficiente diagnosticadora das necessidades vitais de seus infantes. A mulher-mãe medicava os filhos, o marido e a si mesma. Não havia clínicos gerais nem especialistas de partes cada vez mais restritas do corpo humano. Os diagnósticos eram feitos por analogias, apalpações intuitivas. A ciência e a indústria farmacológica não nos haviam dado antiinflamatórios e antibióticos. Nada de aparelhos de diagnósticos; nada de cirurgia irradiadora ou corretiva. Quanto mais as prateleiras das drogarias apinham-se de drogas, mais e variadas doenças aparecem, mais distúrbios psicológicos surgem, mais disfunções orgânicas acontecem.

Vivíamos na zona rural. O nosso terreiro era salpicado de galinhas, patos, marrecos, gansos e perus. No chiqueiro, sempre um porco de engorda, tratado com lavagem, abóbora, mamão, banana nanica e ramas de batata, de abóbora, de caruru e outros. Quando um era abatido, outro, castrado, entrava no lugar ( capado ou capada ). À noite, o céu, em dias tempestuosos, tornava-se lúgubre, tenebroso; mas, em tempos firmes, ficava azul, muito azul e estrelado; lindo! A lua, em todas as suas fases, motivava contemplações e canções românticas sertanejas. Na cidade, até nos esquecemos de que o céu e a lua existem. E, se por acaso, olharmos para cima, veremos apenas uma cobertura cinza, enfumaçada, com algumas tímidas e miúdas estrelas piscando, fazendo força para aparecer e brilhar. Céu citadino é feio e triste. Tal ambiente pesado machuca as pessoas, contamina-as, traumatiza-as, senão a mulher as maiores vítimas em virtude de sua sensibilidade orgânica e psicológica.

Tenho certeza que fui ninado no berço de taquara, ouvindo minha mãe cantar, até que eu dormisse: *Dorme nenê, que a mamãe tem o que fazer; tem roupa p´ra lavar, tem costura p´ra coser.* O sono do bebê liberava a mãe para os afazeres duros de cada dia. Nossas ancestrais foram mulheres batalhadoras; deixaram maravilhosas gerações, nossos pais. A elas muito devemos. As

circunstâncias permitiram que elas fossem não somente a origem, mas a vida, a alma, o coração e a razão de ser dos filhos. Quem, por decisão própria ou por imposição de forças desintegradoras, rompe as raízes maternas, certamente se desorientará ou mesmo se liquidará, vencido pelas agruras da existência. Quem teve um útero acolhedor, comunicador de afetos; quem se amamentou em um seio de amor, sentindo o calor aconchegante e acalentador do corpo genitor; quem experimentou as carícias do regaço materno, dificilmente será uma pessoa deprimida, recalcada e pusilânime. Como a águia cuida do filhote, protege-o e o ensina voar; assim a mãe gera, acolhe, ampara, alimenta ( primeiro com seu sangue; depois com seu leite ), educa-o e prepara-o para a vida. O duro é quando o filho não reconhece a dívida irredimível para com sua mãe. E muitos procedem com tão injustificável ingratidão, que chegam a perder a dignidade de filhos.

As mulheres banais, concupiscentes, em nada contribuem para o bem futuro dos filhos, o progresso e a moralização da sociedade. Ou preservemos a necessária figura da mãe verdadeira ou o mundo se transformará em caos social irreversível, pois o seio materno é a fonte do bem moral, social e espiritual da humanidade. O filho aprende mais com a mãe, proporcionalmente, nos primeiros três anos de vida do que com o ensino formal de seus futuros mestres. Em contato com sua mãe, sua semelhante mais próxima, expressão existencial de amor sincero e dedicação irrestrita, o filho assimila o que ela é e o que ela faz, incorpora sua maneira de ser, seu caráter e sua personalidade. Cada filho, pois, é a extensão de sua mãe, corpo de seu corpo, osso de seus ossos, carne de sua carne, sangue de seu sangue, coração de seu coração, mente de sua mente. O filho sai, com a mãe pedagoga que Deus lhe deu, do zero conhecimento à descoberta de si mesmo, do meio-ambiente e da sociedade, além de aprender andar e falar; e isso tudo por meio de um cérebro em processo de estruturação. Mestre para formar, ou deformar, maior que a mãe não existe.

Minha mãe foi uma rainha vestida de chita, lenço na cabeça, cabelo em coque, mãos calosas, pés descalços e reinado eficiente da prole. O marido era apenas seu primeiro ministro: Ela reinava e ele governava, mas sem ela seu governo fracassaria. O seu complemento era, sem dúvida, a mulher, não como sua subordinada, mas companheira. Na verdade, os dois constituíam-se em um só corpo interativo: nenhum fazia nada sem o consentimento ou aprovação do outro. As opiniões entre os dois entrecruzavam-se, mas as de minha mãe, na maioria absoluta das vezes, prevaleciam sobre as de meu pai, que era bem mais velho do que ela. Creio que a estreitíssima e prolongada relação com a mãe, a boa estrutura do lar e o papel proeminentíssimo da esposa no gerenciamento da família davam às filhas daqueles dias formação e bagagem para a criação e direção do seu próprio núcleo familiar e para o exercício equilibrado da maternidade. O bom exemplo da mãe gerava uma descendente exemplar, uma esposa amável e responsável, embora tenha

começado a vida conjugal muito jovem. A cultura permitia que a filha repetisse sua mãe Aplicava-se, sem retoques, o jargão popular: *Tal mãe, tal filha*. Meu pai dizia aos seus filhos: Antes de enamorar-se da filha, veja que é sua mãe. Boa mãe; boa filha.

A vara funcionava como elemento educador depois que os conselhos não eram ouvidos ou quando as reincidências no erro tornavam-se perigosos e intoleráveis. Batia-se, mas não se espancava. Para se colocar limites no comportamento de certos filhos temperamentais, rebeldes e arteiros o uso da vara fazia-se necessário. Hoje, mães apanham de filhos e filhas nos quais nunca bateu. As crianças que crescem sem limites, sem limites viverão. Minha mãe de criação costumava dizer: Quem não apanha dos pais, apanhará da polícia. Pais que não apanharam corretivamente, agora estão espancando seus filhos vingativamente, o que é injustificável violência. Havia filhos que não apanhavam, mas outros existiam que, se não apanhassem educativamente, não se corrigiriam. A relação mãe-filhos era tão intensamente interativa e ininterrupta, que ela não tinha coragem, mesmo nos momentos de ira, de espancar qualquer um deles. Na natureza bruta brutaliza as pessoas. Quando a brutalização é limitada pela razão, a pessoa se domina. Uma criança, porém, criada em meio natural rude, sua tendência é assimilar a rudeza ambiental, mas sem o controle da racionalidade. Uma criança de classe média alta, crescida em ambiente equilibrado e fino, é diferente de outra da favela ou da zona rural, os meios desfavorecem a educação social e civilidade. É possível pais ricos e cultos criarem filhos sem correção física. Pais pobres e menos aculturados dificilmente conseguirão, pois o ambiente em que vivem é tenso por natureza, e os filhos disputam na rua seus espaços com outras crianças, muitas deles rebeldes e de hábitos infracionários. Geralmente elas apanham em casa e batem na rua. A vara estava sempre na mão da mãe, não na do pai; este não batia; deixava a disciplina dos filhos a cargo da esposa, que batia, mas não espancava.

### **Mundo anímico.**

O mundo de meus tempos de infância, além de natural, era impregnadamente anímico. Seres inaturais habitavam a natureza. A gente acreditava na existência real de lobisomem, saci-pererê, mãe-d'água, mãe-do-ouro, caboclo-d'água, rei-da-floresta, mula-sem-cabeça, fantasmas, assombrações. Sobre mula-sem-cabeça, o Antônio Alfredo, um contador de histórias de assombração, contava que ela havia sido, em vida, uma mulher extremamente perversa. Em uma noite de sexta-feira da paixão, ninguém sabe porquê, ela cortou, a golpes de facão, decepou a cabeça do marido, um homem bom, cordato, trabalhador, crente do "Bendito da Cruz". Ela, depois do assassinato, fugiu, peregrinando solitária e sem rumo até morrer. Na região, em vida, nunca mais foi vista. Morreu odiada e abandonada. A partir de sua morte, começou a aparecer na forma de mula ( sinônimo de besta, feminino de burro ) sem cabeça, tão perigosa e traiçoeira como nos tempos de

existência humana. Suas aparições, como a do lobisomem, ocorriam nas noites de sextas-feiras da quaresma, principalmente na sexta-feira-santa. Em nenhuma sexta-feira do período quarésimico, à noite, saíamos de casa. Mesmo na cama, o medo era tanto, que eu lhe ouvia o tropel e os relinchos. As estórias de assombrações, contadas como narrativas de fatos reais, atemorizavam-me. Todas as casas abandonadas, todas as figueiras à beira da estrada, todas as encruzilhadas de três vias ou destinos, todos os locais de assassinatos, com cruz erguida ou não, todos os cemitérios eram mal assombrados. Havia uma encruzilhada de três vias, uma destinava-se ao Patrimônio dos Pimentas; outra à Vila de São Pedro e outra ao Patrimônio do Matapau. Nessa encruzilhada, contava-se que muitos corajosos transeuntes, em horas mortas da noite, viram um caixão preto, com uma cruz brilhante na tampa, que deslizava suavemente sobre o solo por uns cinquenta metros e, misteriosamente, desaparecia. Até durante o dia, eu tinha medo de passar sozinho por ali. E quando ia acompanhado, não caminhava atrás. O saci-pererê, segundo diziam, cavalgava cavalos, éguas, burros e bestas durante a noite. Sua preferência, no entanto, era por cavalos. Não os havendo, montava burros, embora contra seu gosto. No dia seguinte, encontram-se os estribos do saci bem tecidos com e nas crinas longas dos cavalos, principalmente os de cor preta. Esse duende, crioulinho de uma perna só e fumante de charuto, tinha um assovio fino, alto e estridente. Havia também seres naturais de mau-agouro como o gato preto, o gavião-cova, o morcego e o urubu. Se um morcego entrasse, à noite, em uma casa, ou um urubu pousasse em sua cobertura, necessário se fazia convidar o “benzedor” ou “benzedeira” para exorcizar o mau-agouro. Quando, porém, o gavião-cova cantava, alguém na vizinhança morreria. A onomatopéia de seu canto era, mais ou menos, assim: Cova, cova, covaaa... Esse canto apavorava-me. Quando ele cantava, pegava minha espingardinha de carregamento pela boca, e sai-lhe ao encalço. Minha intenção era eliminar o indesejável premonitor silvestre. Nunca consegui, pois ele se postava na copa das mais altas árvores. Havia também plantas transmissoras de “mal-feitos” como, por exemplo, o trevo de quatro falhas, o guiné, a folha de fumo, o comigo-ninguém-pode, a arruda, e o galho de figueira. Dentre os seres humanos, existiam os que possuíam mau-olhado. Se um deles olhasse com admiração um tacho de sabão em preparação, este jamais daria ponto. Se contemplasse pintainhos recém-nascidos, todos morreriam imediatamente. Conta-se que um desses bruxos elogiou um canteiro de alface de dona Antônio. No dia seguinte todos os pés estavam mortos. Nesse ambiente onde tudo era vivo, havia mais possibilidade de crença em Deus que no mundo tecnológico, materialista e ateu em que vivemos. Para nós, o Criador governava todos os seres vivos, benéficos e maléficos. O contato com a natureza viva, na qual seres mitológicos habitavam, não dexava lugar, no coração e na mente do sertanejo, para a incredulidade. As forças do além, segundo acreditávamos, estavam no mesmo

ambiente do homem, agindo misteriosamente, mas sempre sob o controle de Deus. Meu pai repetia sempre: *Quem crê no Senhor da criação, não tem medo de assombração; quem tem fé e devoção, vence o mal e a tentação.*

Durante o dia acalentavam-nos os cantos dos pássaros: Rouxinol, sabiá, pinta-silga, curió, bem-te-vi, tangará, canário-da-terra e muitos outros. À tarde, as cigarras. À noite, corujas, gralhas, bacurau, batráquios e grilos. Atraídos pelo clarão das lamparinas, os vagalumes de dois faróis adentravam as casas de estuque. Os meninos colocam-nos de costas para vê-los pular com estalinho e caírem de frente. No terreiro, à noite, agitávamos varas finas, que vibravam no ar, atraindo os morcegos, que se chocavam contra elas, caindo mortos. Desta maneira, uma quantidade enorme deles era eliminada em ação noturna dos “varadeiros”. O morcego, à noite, orienta-se pela acústica. A vara em vibração não mantinha ponto fixo, ficando difícil para ele localizar o obstáculo; por causa disso, chocava-se contra ela. Nós não sabíamos distinguir o morcego hematófago do frutívoro. Os dois coexistiam nas mesmas grutas, nos mesmos ranchos abandonados.

Foi nesse universo natural e anímico que nossas genitoras nos criaram. O curioso é que não percebi nenhum medo, em minha mãe, de aparições estranhas ou animais mitológicos. Ela era destemida, o que, de certa maneira, me encorajava. Nossas mães, além de batalhadoras, foram sábias ( sabedoria instintiva e tradicional ) na condução de seus filhos.

A vara, figura-símbolo da educação por meio de repressão e coerção, mas as crianças, quando “mereciam”, eram castigadas com correias masculinas, chicotes, talas, cipós e palmadas. Local corporal do castigo: Bumbum. Minha técnica, e a de muitas crianças de meu tempo: Chorar intensamente, gritar fortemente. Quando mais se chorava e mais se gritava, menos se apanhava. As expressões de dor e de padecimento comoviam minha mãe adotiva, a coça reduzia-se ao mínimo. Uma ocasião, as marcas da aliança ficaram em minhas nádegas. Mostrei-as ao meu pai-de-criação. Ele brigou com a esposa e, a partir daí, apanhei sem o anel nupcial. Ela me segura com a mão direita e batia com a esquerda. Mesmo com a destra, era-lhe difícil me segurar; eu era um moleque forte e não parava com o bumbum.

Os filhos mais velhos apanhavam mais que os mais novos. Os pais, por um lado, aprendiam com eles e, por outro, contavam com a ajuda deles na criação e educação dos mais novos. O caçula era, geralmente, o “mais protegido”, principalmente da mamãe.

### **Sexualismo ontem e hoje.**

Havia, nas pequenas e nas grandes cidades, meretrizes, mas viviam completamente isoladas das famílias social e moralmente bem constituídas. Os meretrícios localizavam-se em redutos ou guetos, geralmente nas regiões periféricas da cidade. Eram toleradas, mas não assimiladas pela cultura acentuadamente cristã, que se sedimentava em clãs tradicionais ética e religiosamente estruturadas, embora o cristianismo romano fosse, e ainda é,

doutrinariamente frágil e moralmente lássido, isto é, a igreja praticamente não doutrinava seus fiéis e também tolerava os desvios morais, com exceções de alguns vigários. O comércio sexual sempre existiu. No meu tempo de adolescência, porém, acontecia isoladamente dos meios sociais estabelecidos. A Igreja Católica de minha região, que mantinha influência, e até predominância, sobre as instituições públicas e sobre a maioria das privadas, renegava as prostitutas e a prostituição mais do que o faz hoje. Um filho de “rapariga” não seria recebido pelo batismo, a não ser que se tornasse filho adotivo de um católico praticante. A Igreja evangélica, por outro lado, não evangelizava as prostitutas mais por escrúpulos morais que por desamor a elas. Um “crente” não podia ser visto em um meretrício, nem mesmo com o justo propósito evangelístico. Eram tempos de moralidade rígida. Nos prostíbulos havia prostitutas mais novas, mais belas e, portanto, mais caras, que “serviam” a classe média. Esse fato foi notado por Augustos dos Anjos, que registrou em seu poema, *A Meretriz*: “Na mesma esteira pública recebe/ o eretismo das classes superiores/ e o orgasmo bastardíssimo da plebe”. Outras, mais feias ou mais velhas, contentavam-se com “clientes” pobres e, conseqüentemente, com baixo preço de cada satisfação lascívia. Havia, porém, meretrizes que “atendiam” todas as classes, cobrando segundo o nível social e econômico de cada cliente. Eram poucas mulheres que atuavam nesse comércio generalizado. Segundo uma ex-prostituta convertida, integrada na Igreja Presbiteriana, a hora do pobre era “hum mil reis”, mas só tinha meia hora para “começar e terminar o serviço”. Para o rico, o tempo não era mensurado, pois o lucro sempre compensava. Além disso, havia rico que “alugava a meretriz por noitadas”, pagavam bem.

Exceções, embora raras, havia: Mulheres que traíam os consortes; maridos, infiéis às esposas. Quando tal coisa acontecia, a família afetada pelo intolerável mal da traição era discriminada. Meu pai sempre aconselhava seus cinco filhos homens: “Evitem namorar moças de casas marcadas por traição, pois o mau exemplo dos pais fica gravado na consciência dos filhos”. O bem e o mal recebidos por influência do meio ou por assimilação de maus exemplos familiares transformam-se em heranças culturais, que passam de geração para geração. O bem, contudo, pode ocultar-se, como o diamante oculta-se no cascalho, e, com o tempo, esmaecer ou fenecer. O mal é como virose: começa em um, contamina alguns, a contaminação atinge muitos, generaliza-se, converte-se em pandemia. Em uma família, onde o mal moral existe, todos são afetados quer por contaminação interna quer por difamação externa.

Nas décadas de quarenta e cinquenta o Brasil saltou do ruralismo para o urbanismo, isto é, de uma população predominantemente rural para uma acentuadamente urbana; das cidadezinhas, cujos moradores eram fazendeiros, pequenos sitiantes ou trabalhadores, para as megalópolis industriais, comerciais e bancárias, onde as raízes rurais do fraternalismo familiar

desfaziam-se lenta, mas inexoravelmente, até se converter no personalismo moderno de casais e de pessoas. O individualismo é a desagradável marca de nosso tempo. Poucos casamentos nascem com o signo da permanência. O contrário acontece: Casam-se para durar enquanto perdurarem o amor sexual ou erótico, a afinidade e os interesses mútuos. Findo um destes ou todos eles, dissolve-se o casamento. Os separados vão buscar outros consortes com o mesmo senso de instabilidade. Com a fragilização da família, a prostituição aumentou e, na maioria das cidades, generalizou-se. Hoje, as meretrizes são chamadas de “profissionais do sexo” ou “garotas de programas”. Prostituem-se nas baixas e nas altas camadas sociais. A prostituição masculina passou de infidelidade conjugal, execrada nos meus dias de infância, para as traições socialmente toleradas, veiculadas e defendidas em novelas. Ainda mais, grassou a promiscuidade de maneira escandalosa: Meninas de dez a doze anos engravidam-se; velhos praticam pedofilia. “Profissionais do sexo” são entrevistadas em programas de televisão. O homossexualismo tornou-se legal, uma opção reconhecida de vida. Casais homossexuais desfilam nas ruas, sendo até admirados. Existe um movimento com incontáveis adesões e grande espaço na mídia, intitulado “Orgulho Gay”, que produz marchas em São Paulo e outras capitais com milhões de participantes, muitos dos quais apoiadores sociais e políticos da “causa gay”. O que acontece hoje era inimaginável no meu tempo de infância e adolescência. Não se distingue mais a fronteira exata entre o moral e o imoral na área da sexualidade. O sodomismo domina. Os limites entre o certo e o errado estão indefinidos. Por exemplo: É bem ou mal a moça ter relações pré-matrimoniais com seu noivo? Os pais permitirem que a filha “fique” com o namorado? É correto ou não ter várias experiências sexuais antes do casamento, para que se escolha bem o futuro parceiro ou parceira; aquele ou aquela em que o conúbio seja mais satisfatório, prazeroso e com melhor interação libidinosa? É aceitável o namorado dormir com a namorada na casa dos pais, com a presença e anuência deles? Conforme o local da enquete, as respostas, majoritariamente, serão favoráveis a todas as situações aventadas. Estamos, no meu entendimento, vivendo um estado de imoralidade depravante e perigosamente comprometedor. Com a vulgarização do sexo, a seleção natural deixou de existir. O bom rapaz e a boa moça, bondades julgadas moral, social e espiritualmente, cederam lugar às desvirtudes morais, às venalizações do sexo, ao prazerismo libidinoso desenfreado. O sonho das meninas de meu tempo de ingenuidade infantil era o de serem esposas e mães. O sonho das meninas de hoje é o de brilharem nas passarelas, serem modelos ou misses, venderem a beleza e, muitas delas, por dinheiro e fama prostituem. O sexo promíscuo e as drogas desqualificam, corrompem e destroem a juventude originária de lares fragilizados, de pais separados e das mães solteiras. A falta de autoridade dos pais sobre os filhos consequenciou o aparecimento de uma geração libertina, sem princípios e sem limites. Estamos vivendo o início do

fim. Entendo ser a mulher a protagonista da moralidade social porque é ela que coloca todas as criaturas humanas no mundo, transmite-lhes sua vida, seu ser, sua cosmovisão, sua fé, seus princípios e todas as normas formadoras da personalidade e do caráter. Boa mãe produz bons filhos.

**A morte da tradição.** A tradição familiar foi completamente interrompida e até, podemos dizer, com base nos fatos, que foi abatida a golpes contínuos da aculturação globalizada; seu cadáver, já em estado de putrefação, foi atirado ao insondável abismo dos irressuscitáveis. Morrendo a tradição, morre com ela o passado; morrendo o passado, morre com ele a fonte fecundante e alimentadora do presente. Não somente o corpo de cada um traz o DNA de seus ancestrais, mas também as sociedades, como tais, nascem de clãs familiares ou de familiaridades grupais, cujos bens culturais e morais, por outro lado, procederam de núcleos formadores e arquetípicos do pretérito. Esse conceito de gerações genealógicas imorredouras tem-no os judeus, que conhecem a qualidade dos presentes pela qualidade de seus antepassados. A boa árvore genealógica produz continuados bons frutos no presente e os produzirão no futuro. A raça judaica foi preservada em meios às mais terríveis perseguições pela preservação da família, da cultura tribal, da moralidade social, da fé em um Deus pessoal presente e atuante, da unidade racial e da consensualidade de princípios. O ocidental, desvalorizando a tradição, cria um presente social e moralmente caótico e, certamente, um porvir inseguro e extremamente duvidoso. Sem tradição e sem família consolidada, prevalecem o individualismo solitário e o egocentrismo, marcas de nosso tempo. As raízes de cada indivíduo estão vivas e fixadas no fertilíssimo solo de nossa história ancestral. Não se mata impunemente tanto a tradição familiar como a social. Quem cava a sepultura da tradição corre o seriíssimo risco de ser sepultado nela. A sociedade moderna, pelos seus individualismos e relativismos, já colocou na UTI a tradição e a ética dos princípios permanentes, das cláusulas pétreas da lei moral e, principalmente, as verdades absolutas da revelação bíblica, que não nasceram de preceitos e conceitos humanos, mas de Deus, o Absoluto, o Imutável, o Onisciente, o Onipotente Criador e Senhor de tudo e de todos. Onde não há verdade absoluta, a insegurança, as incertezas e as desesperanças prevalecem.

As pessoas de setenta a cem anos são as últimos sobreviventes de minha geração ( estou com 82 anos ); vieram ao mundo, cresceram, nutriram-se e se desenvolveram alimentadas por uma cultura fortemente moralizada e cristianizada; formaram suas famílias à luz dos modelos pretéritos; contribuíram com a história, as artes, as ciências, a tecnologia, a política e a sociologia reinantes. Mas com a morte do remanescente da geração genitora atual, certamente desaparecerão, definitivamente, os derradeiros resquícios, as últimas células vitais da cultura moderna. E então, o já enfermíssimo organismo social contemporâneo entrará em estado agônico, com morte cerebral, incapaz de consciência de si mesmo. As gerações modernas, as que

nos sucederam, já nasceram em sociedades de fraca estrutura familiar e carente de tradição formadora. Essas também estão colaborando para o desfecho final, do ponto de vista moral, da humanidade. Estamos construindo nova Torre de Babel, tentando elevar o homem às alturas, ao nível da divindade; mas a tecnologia, por mais eficiente que seja, não tem contribuído para a melhoria do caráter humano, embora contribua para o seu bem-estar, o seu conforto. Ela não somente robotiza as máquinas, mas também as pessoas. Quanto mais a ciência tecnológica avança, mais os seres humanos tornam-se peças impessoais das engrenagens empresariais computadorizadas, digitalizadas. A “inteligência” mecânica está, aceleradamente, substituindo a pessoa humana ou escravizando-a. Há homens e mulheres que já se satisfazem sexualmente com parceiras e parceiros artificiais. É o fim!

As sociedades comerciais, bancárias, sindicais, industriais e políticas formam-se com base em interesses geralmente gananciosos, legalistas e personalistas. Distantes estamos das sociedades parentais, dos grupos afins, da interatividade e integralidade dos antigos clãs em que cada pessoa interagiu com as outras de maneira natural, espontânea, desinteressada como formigas no formigueiro ou abelhas na colméia, cumprindo o velho adágio: “Um por todos; todos por um”. E acrescentaria: “Todos por todos”. A sociedade solidária inexistiu na atual conjuntura. O lema agora é: Cada um para si; todos para o patrão; o patrão para a empresa; a empresa para o mercado. As pessoas converteram-se em peças úteis mecanizadas, na base do “custo-benefício” das empresas empregadoras. Resultado: Nunca houve tantos estresses, depressões, frustrações, neuroses, neuropatias e cardiopatias como nos nossos dias. A materialização e a materialidade das empresas são causas destruidoras ou, no mínimo, danificadoras da individualidade, da personalidade, da humanização e da própria criatividade do funcionário. Nunca os homens, e principalmente as mulheres, foram tão escravos de “mamom”, o deus das riquezas. Hoje, cada um vale pelo que produz, não para si mesmo e com sua marca, mas para a empresa, dona do mercado de trabalho e, por ele, senhora de todas as vidas que emprega. Falsamente dizem que a mulher nos hodiernos tempos é livre, por ter-se libertado dos pais, as solteiras; e do marido, as casadas. Para todos, mas principalmente para a mulher, vale o alerta da música popular, cantada por Ney Matogrosso: *Se parar, o bicho come; se correr, o bicho pega*. Supondo que a mulher tenha, de fato, adquirido independência, primeiro dos pais; depois do marido; temos de reconhecer que, por outro lado, ela caiu, inapelavelmente, na escravidão patronal, onde está presa pelas suas necessidades cada vez maiores. Aos chefes empresariais tem de prestar:

>Conta de seu tempo – entrada, saída, horas programadas de refeição e lanche.

>Conta das tarefas a ela atribuídas diariamente.

>Conta da perfeição da obra realizada.

>Conta da produtividade pessoal e até, em muitos casos, setorial.

>Responsabilização por danos causados ou eventuais furtos.

Muitas mulheres são obrigadas a trabalhar em pé o dia todo, provocando varizes nas pernas. Outras, por obediência e obrigação ficam assentadas horas a fio, digitando; o que lhes causa tendinite e dores lombares. Depois de um terço do dia sob a escravidão da empresa, ela enfrenta, nos grandes centros, um trânsito terrível: Super-lotação, congestionamentos, assédios morais e, não raro, precariedade dos meios de transporte e risco de assaltos. Chegando em casa, seja no seu apartamento individual ou no seu lar com marido funcionário, também “independente”, com filhos, se os tiver, ou com filhos do ex-marido e do atual, ela, “a livre”, não terá descanso, pois aguardam-na os rotineiros e cansativos afazeres domésticos. Aos sábados: arrumação da casa, super-mercado, manicure, pedicure, cabeleireira...Aos domingos, já cansada, estressada, fatigada, se for evangélica, tem a Igreja de manhã, das nove às onze; reuniões departamentais, ensaio do coral e outras atividades eclesíásticas.

Vejam que ela não é nada liberta como se apregoa:

>Na empresa, submete-se à chefia.

>Na rua, a pé ou de carro, submete-se às leis de trânsito com guardas e radares que a fiscalizam e assaltantes que a espreitam.

>Em casa, as atividades domésticas e a lei do inquilinato tiram-lhe a liberdade e a paz, quando não são impertinências do “marido independente” e dos filhos rebeldes.

>Na Igreja, as normas, embora sagradas, ela tem de obedecer para ser harmônica e consensual com seus irmãos e irmãs.

No fundo, a suposta mulher livre de nossos tempos é mais escrava, e muito mais, que as suas ancestrais, inclusive escrava de muitas doenças próprias dos congestionamentos humanos, das super-populações, das poluições urbanas e, algumas delas, escravas de infecções venéreas transmitidas pelos próprios parceiros como sífilis, AIDS e outras. As mulheres antigas eram mais sadias, porque viviam em ambientes naturais incomparavelmente mais saudáveis e livres das conseqüências indesejáveis da promiscuidade. Poder-se-á comparar a escravidão da mulher antiga com a escravidão do fiel a Jesus Cristo: Submissão respeitosa, benéfica, construtiva, realizadora e remidora. Ela se submetia por amor, por responsabilidade, por dedicação, por conjugalidade e por espírito serviçal e maternal. Ela não se sentia escrava do marido. O conceito de casamento como forma de escravidão da mulher é resultado, creio, dos seguintes fatores: Individualismo, feminismo, independência, liberalismo, profissionalismo e igualitarismo sexual. Os papéis de homem e mulher, nos contextos social e conjugal, misturam-se para mais liberdade do homem e menos da mulher. Na atual situação, ela trabalha mais, ganha menos, alivia financeiramente o parceiro, afadiga-se mais, sofre mais. A suposta mulher livre é escrava de dupla jornada diária de trabalho; Na empresa e no lar.

### **Pessoalidade e impessoalidade.**

Deus criou a mulher para ser companheira do homem e dele gerar filhos. Companheirismo e geração, eis os desideratos originais de marido e mulher. O sexo é um meio de realização de tais objetivos, não o fim. A personalidade da mulher expressa-se, prioritariamente, na feminilidade e na maternidade. Deus fê-la mais dócil, mais delicada e com maior poder de sentir e transmitir carinho, afeto, delicadeza e sentimentalidade. Eis porque sua relação com os filhos é mais intensa e muito mais construtiva do caráter e da personalidade deles. O Dia das Mães é muitíssimo mais sentimental que o dos pais. A mulher é sensível físiológica, moral e espiritualmente. Ela, creio, foi criada para o contato físico com o marido e com os filhos, para dar e receber manifestações afetuosas, para ser mais religiosa que o homem, principalmente religiosidade emocional. Seu principal mundo interativo é o seu lar – marido e filhos. Ela se sente realizada, mais que seu companheiro conjugal, na pessoa de cada filho e cada filha que, para ela, são sempre “meus meninos” e “minhas meninas”. Não é da índole da mulher associar-se a grupos do mesmo sexo. O homem, certamente por causa das origens, quando caçava em grupos, traçando juntos as estratégias de caça, tem seu grupo masculino de “pate-papo”, o que irrita as esposas. Mas eles devem compreender que a domesticidade feminina criou raízes no passado, de geração em geração, quando ela ficava em casa com os seus muitos filhos, enquanto o esposo, com vizinhos, homens da mesma tribo e seus filhos mais velhos, estavam nas matas ao encalço das caças, falando pouco, e quando falavam, era aos cochichos para não espantar os animais que espreitavam. Esse agrupamento masculino de alvos comuns e interatividade sedimentada marcou definitivamente o homem e, ao longo dos tempos, acentuou e perpetuou as diferenças sociais e psicológicas dos sexos. O homem, portanto, é mais associável com pessoas do mesmo sexo que as mulheres, não só porque elas vêm em cada uma delas uma concorrente em potencial, mas porque sua tradição é muito mais doméstica que a do homem. Por outro lado, o homem tem um histórico arquetípico de poligamia, mantendo, quando não controlado por freios sociais e religiosos, tendência poligâmica, o que desperta na mulher muita desconfiança. Ela também sabe, que a sedução é uma arte feminina, que os homens frágeis não resistem. As diferenças entre o homem e a mulher, sedimentadas ao longo da história humana, nas gerações findantes eram mais nítidas que nos dias atuais. O que os nossos pais foram por herança histórica e lenta fixação genética nada tem a ver com o atual estigma de “machismo”, pois o ser masculino ainda não se libertara da natureza da qual sobrevivia e com a qual interagia. Ser másculo não era pretensão nem desejo de predominância, mas expressão natural de quem não se desligava, nem nas horas noturnas, das rudezas do campo, das batalhas para vencer as intempéries climáticas, as ervas daninhas, as pragas diversas, os animais selvagens, os répteis peçonhentos e as doenças rurais. O trabalhador agrário,

geralmente, tinha uma jornada de trabalho do amanhecer ao anoitecer. Meu pai costumava dizer que as estrelas marcam o dia de serviço do sertanejo: Ele começava com elas ainda brilhando no céu e terminava quando elas se apagavam. Enquanto a mulher ficava em casa com as filhas e os filhos menores, o marido e os filhos maiores iam para a lavoura, onde passavam cerca de doze horas. Lá, almoçavam e jantavam. À noite, a natureza não os abandonava, ora com a lua tediosa, ora com trevas realmente escuras, ora com animais noturnos, que atacavam as aves domésticas e até os leitõezinhos no chiqueiro como, por exemplo, Cachoro do mato, gato do mato, gambá, onça e cobra. As cobras engoliam os ovos de galinha e os pintinhos. O homem da casa, sempre destemido, saía ao encalço dos predadores com seu facão de cinquenta centímetros na cintura e sua espingarda de carregamento pela boca. Uma ocasião, por volta de duas da madrugada uma onça parda abateu a nossa cabrita-leiteira, mesmo com o cachorro agredindo-a ferozmente. Meu, pai, pegando a espingarda, que ficava pendurada na parede da cozinha, atirou na onça. Ela saiu ferida, deixando marcas de sangue até à entrada da mata, que ficava a uns duzentos metros da casa. A cabra, porém, já estava morta por asfixia. No seu pescoço ficaram as perfurações das presas do felino.

A sola dos pés dos trabalhadores era tão grossa, que espinhos nela não penetravam. A frente alargava-se, porque os dedos, portadores de unhas espessas, fixavam-se no chão molhado e escorregadio das subidas íngremes, especialmente das lavouras de café cujos pés eram plantados em linha morro-acima. Os cabos de ferramentas calejavam-lhes as mãos e, não raro, deformavam-lhes os dedos. Os homens, portanto, eram másculos por origem, por tradição, por luta diária e por necessidade; enquanto as mulheres, muitas delas, em casa, andavam de chinelo, mãos e unhas limpas, pele fina, fosse clara, morena ou negra. A diferença, pois, entre homem e mulher era nítida. A vida urbana “docelizou” o homem, aproximando-o muito da mulher, diminuindo, conseqüentemente, a distinção e o contraste. Nos meus tempos de criança, o bruto, masculino, e o delicado, feminino formavam um par realmente complementar do marido provedor, amparador e protetor e esposa provida, protegida e amparada; e ambos, a meu ver, eram felizes. O casamento igualava desiguais, mantendo as personalidades individuais, o que era bonito e enriquecedor.

A personalidade da mulher ficava gravada em todas as suas obras: Bolos, pães, doces, artesanatos diversos, decoração da casa, disposição do vasilhame na cozinha, arranjo da mesa de refeição, temperos; em tudo, finalmente, que ela produzia.

Marido e mulher trazem no corpo, com repercussão na psique, a herança genética dos antepassados. Como, na educação pratri-matriarcal, os filhos, depois de uma certa idade, largavam a mão da mãe para tomarem a do pai, poder-se-ia dizer com grande probabilidade de acerto que “tal pai, tal filho”. Por outro lado, em razão de as filhas jamais dispensarem a mão da

mãe, nem depois de casadas, afirmava-se, com fortíssima condição de acerto, que “tal mãe, tal filha”. As conseqüências da quebra dos laços paternos-maternais já se fazem sentir nas sociedades modernas, principalmente para a mulher operária que, por mais de dez horas por dia, ausenta-se dos pais, dos irmãos e da casa, se solteira, e do lar, do marido e dos filhos, se casada, para passar oito horas em um trabalho repetitivo, enfadonho, cansativo, no exercício, não raro, de função mecânica, realizando uma obra da qual é parte indistinta. O resultado final, a obra realizada, atribui-se à firma, não aos seus trabalhadores. Exemplos: Compra-se um “chester” natalino da Perdigão. Dezenas de trabalhadores e trabalhadoras foram anonimamente usados, mas o nome e a glória de colocar o produto no mercado são da empresa impessoal, a Perdigão. Outro exemplo: Um carro da Chevolet tem o concurso, em sua fabricação, de numerosos operários, técnicos e engenheiros, para, no final, o fabricante, por meio de uma empresa impessoalizada, responder pelo veículo, que não pessoalmente fabricou e comercializou. Todos os trabalhadores, deste os mais graduados até os mais humildes, que, no conjunto, entregaram-no pronto e devidamente testado, escondem-se no anonimato para que a fábrica fique com as honras e as alfaías. Tal massificação e robotização do ser humano em todas as empresas modernas causam males profundos a quem o Criador destinou à criatividade, devendo cada obra concluída ser portadora da marca distintiva de seu artífice ou artífices. O trabalhador, ao olhar um automóvel que ajudou construir, será constrangido a reconhecer: Este tem a minha contribuição, mas não traz o meu nome nem os sinais de minha colaboração. O trabalho projeta empresas, mas oculta o trabalhador. Quanto mais ampla e mais complexa a sociedade, mais a pessoa se esconde, mais se esvazia de sua personalidade, mais desaparece nas massas manipuladas por políticos e por empresários respectivamente donos do poder, do dinheiro e dos meios de produção. O homem suporta melhor a solidão, o anonimato, mas a mulher, não. Ela foi criada para viver na companhia do marido e dos filhos, habilitada a falar muito para comunicar-se com os seus descendentes, educando e ordenando, e dialogar com as vizinhas. O solitarismo e o anonimato para o sexo feminino são extremamente desgastantes. Uma funcionária de laticínios, que passava oito horas por dia conferindo a colagem automática de rótulos nos queijos, que passavam diante dela em uma esteira rolante, devendo, em fração de segundos, verificar se tudo estava correto, se o produto seguia o padrão da firma, certa vez me disse: “Já não agüento mais ver queijos, ficar com o olhar fixo na esteira, recolher defeituosos e mal etiquetados para reciclagem ou recolagem. Tenho de ficar “calada o dia todo” e, pior, sem contemplar o rosto de minhas colegas de fábrica”. Ficar calada e isolada, eis as circunstâncias tremendamente traumatizantes, especialmente para uma mulher, que gosta de falar e necessita executar o dom da fala, bem como interagir, comunicar-se, ver outras pessoas e ser vista por elas. Quebrar a rotina é um descanso. A mulher moderna ocupou espaço no trabalho,

compete com o homem de igual para igual, mas sofre mais que ele as consequências da operosidade e dever de cooperar com o marido na manutenção da família. Além do isolamento no trabalho, do afastamento do lar, ela tem de enfrentar os transportes coletivos, geralmente lotados e alguns sem nenhum conforto. Depois de tudo, estresse e cansaço, tem de cuidar dos filhos, da casa: Lavar, passar, cozinhar, fazer limpezas, ir com o marido às compras semanais. As suas relações externas e internas, que são precaríssimas, acontecem, quase sempre, em função do trabalho. Sem convívio adequado com os seus, sem relacionamentos efetivos e afetivos com os colegas de empresa, sem relaxamento, e ainda transformada em “robot”, a mulher trabalhadora moderna torna-se permanentemente fatigada, estressada e, certamente, com o sistema nervoso abaladíssimo. A mãe nervosa e frustrada de hoje, vítima de seu tempo, não pode ser comparada à de antigamente, que se realizava e realizava seus filhos por meio de um fraternalismo real, constante, educativo e formativo. Tenho pena da genitora de hoje, que gera, mas não cria nem educa seus filhos, que são educados por escolas cujas éticas são sempre à feição do partido que está no poder e procura impor sua ideologia, pressupondo perpetuação no governo.

O homem sofre menos porque suporta o silêncio, fala menos e seus amigos são restritos; costumeiramente, um pequeno grupo. Além do mais, recupera o isolamento a que se submete na empresa por saídas à noite para encontrar os amigos de pate-papo informal. Dizem que o silêncio do homem, sua pouca disposição de falar, é herança do “caçador”, que necessitava ocultar-se para evitar ataques de predadores e surpreender a presa, fonte de sustentação dele e de sua prole. A necessidade de a mulher associar-se, falar muito e a muitas pessoas, vem de sua primitiva convivência diária com os filhos e filhas, que eram muitos e nem sempre “educadinhos” ou “bonzinhos”. Ouvi, em Vargem Alta, ES, nos idos de cinquenta, de uma esposa de presbítero, mãe de vinte e um filhos: “Cada filho é um pedaço de meu coração, um fruto de minhas dores, uma flor de meu jardim. Todos são e fazem minha alegria”. Poucas mães modernas podem dizer coisa semelhante.

#### **As esposas e a economia doméstica.**

As mulheres sempre trabalharam mais do que os homens. As contemporâneas de minha região, do meu tempo de infância e adolescência, foram trabalhadoras incansáveis: cumpriam todos os deveres domésticos que, repitamos, eram muitos e todos recorrentemente rotineiros como, por exemplo, lavagem de roupa grossa, extremamente suja e nodoadá em consequência das refregas laborais do campo; manipulação de panelas pesadas de ferro e encarvoadas pela calcinação das labaredas fumarentas do fogão. E mais: limpeza da cozinha, duplas lavagens diárias do vasilhame, cuidado com as crianças, arrumações da casa. Não nos esqueçamos de que elas não tinham o socorro das máquinas de lavar nem da água na torneira. Tudo se fazia na bica, no córrego, no rio, ao ar livre, mesmo na inclemência

do sol de verão ou nos gélidos dias de inverno. Algumas, poucas, contavam com um tanque de cimento, contendo um batedor. Outras dispunham apenas da bica e de uma tábua inclinada para bater a roupa. O sabão era de fabricação própria, de cor escura, no formato de bola. O em barra, chamado “sabão do reino” amarelo pintado de verde, custava caro. Era usado apenas na higiene corporal. Junto à bica d`água, havia uma parte gramada destinada à quaração da roupa que, depois de esfregada a mão e batida no batedor, punha-se para quarar; um trabalhão! As mulheres de mãos delicadas, unhas feitas, pintadas, não agüentariam, certamente, esfregar à mão calças grosseiras e duras de “mescla azul”, manchadas de carvão, lama preta, sumo de ervas, engorduras do capim-gordura, e almiscaradas pela sudação contínua dos usuários. As roupas do “batente” rasgavam-se com o uso ou eram rasgadas por acidente. A todas a mulher remendava a mão, fazendo cuidadosos arremates nas bordas internas desfiadas por um processo chamado cholheamento. Assim, prolongavam-lhes o uso, fazendo considerável economia. Cumprindo tarefas tão intensas, trabalhosas e repetitivas, exigidas pela correta manutenção do lar e ordenação da prole, elas ainda levavam comidas em caldeirões individuais para os trabalhadores na roça e ajudavam nas ocasiões de aperto, em épocas de colheita. Os frutos maduros exigem recolhimento rápido para não se perderem.

Todas as residências rurais contavam com uma pequena horta, cercada de bambu ou ripa de palmito, onde se plantavam em cuidadosos canteiros, cebolinha, salsa, coentro, pimenta, pimentão, beterraba, cenoura, nabo, rabanete, tomate, berinjela, couve, alface, repolho, bem como condimentos: Manjeriçã, hortelã comum, hortelã-pimenta, alfavaca, erva-doce (funcho) e outros. Sobre a parede da cerca, com algumas estacas brotadas de bambu, estendiam-se ramos de pepino e chuchu. Quem fazia os plantios e cuidava de todas as plantas com adubos, regas e tratos culturais, era a dona da casa, que ainda tinha tempo de alimentar os animais domésticos. Quando as crianças cresciam, ela distribuía as tarefas, minorando-lhe a carga diária de obrigações. Na sociedade agrária daqueles dias, o trabalho da criança tinha um papel didático importantíssimo, criando nela, desde cedo, o conceito de co-participação, de co-responsabilidade, de integração ativa e cooperativa no grupo doméstico. A criança aprendia que a vida não consistia de dádivas paternas, de mesadas gratuitas, mas de luta constante e responsável. O trabalho da criança na escola paterno-maternal representava aprendizado e treinamento para a vida, pois os pais não visavam economia, mas adestramento dos filhos e filhas. Dizia-se naqueles dias: “Cabeça vazia é oficina do diabo.” “O trabalho não mata ninguém, mas a preguiça mata o preguiçoso”. O homem tem de ser como a formiga, que nasce para trabalhar e morre trabalhando”. “Como a chuva rega a terra para a prosperidade, o suor rega as faces vitoriosas”. Cada criança podia dizer: Esta casa é minha, é tudo em minha vida; ela tem, em cada parte de sua estrutura, uma parcela de meu

trabalho, um pouco do meu suor. O filho não trabalha como empregada dos pais, mas como sócia da sociedade familiar. Eu, desde os cinco anos, trabalhei na roça, e nunca me senti um escravo de meus pais, aos quais sempre admirei e respeitei. Quando retornávamos da lavoura, pai e filhos, uns com feixes de lenha nos ombros; outros com quiçambas de abóbora, mandioca, cana, banana, mamão, batatas etc. A tarefa de moer a cana na engenhoca, retirando a garapa para o café noturno daquele dia e o matinal do dia seguinte era dos filhos menores. A minha madrastra, uma negra maravilhosa, colocava o caldo da cana para ferver na panela de ferro sobre a trempe dianteira da chapa. Quando fervia, ela, com uma espumadeira pequena, espumava-o bem, e ainda deixava em fervura por alguns instantes, segundo o relógio de sua experiência. No coador de pano, pendurado no “mancebo”, passava o café, com o pó que havíamos moído no moinho de ferro. Todos o tomavam, geralmente com mandioca cozida, angu, batata cozida ou assada. Eu achava o café com angu uma gostosura. Depois de algumas conversas sobre o trabalho do dia e algumas bravatas dos irmãos mais velhos, lavávamos os pés e íamos para cama. A última a apagar a derradeira lamparina era a chefe da família.

Posso garantir, pelo que observei, que, sem o concurso das mulheres, nenhuma família rural prosperaria. Elas, portanto, colaboravam considerável e necessariamente na manutenção do lar e na garantia econômica de todo clã familiar. A minha esposa, que não é tão velha, conheci-a, ainda adolescente, trabalhando na roça com o pai, os irmãos e as irmãs, tanto no cabo da enxada como na colheita de café, de milho, de feijão e de arroz. Reconheço que a mulher moderna trabalha muito, mas não tanto como a antiga que, além de não contar com as facilidades tecnológicas dos hodiernos tempos, foram polivalentes trabalhadores, mães de grandes proles, avós protetoras de numerosos netos. Elas cuidavam mais dos outros que de si mesmas. As duras e repetitivas atividades domésticas e os rústicos labores do campo não as embruteciam, não lhes roubavam a feminilidade, a delicadeza e o instinto de limpeza. Quase todas as esposas, à tardinha, tomavam banho de bacia, “banho de cavalo”, como o chamavam, trocavam-se, penteavam-se, ficavam mais bonitas para receberem seus maridos que, ao anoitecer, chegavam da roça. Presenciei um desses momentos de sincero romantismo: Dona Leila, toda limpinha, penteada e cheirosa, à porta da casa rural, recebendo com abraço e beijos carinhosos seu esposo sujo, sudorento, roupa salpicada de rabo-de-raposa, amarra-coruja e picão. Nada se interpõe, ainda que seja a sujeira do corpo laborioso, entre duas pessoas que realmente se amam, mutuamente se entregam e se completam. O amor real é de uma beleza incomparável.

#### **As avós modernas.**

As avós de hoje vieram dos anos cinquenta, período da “revolução jovem”: Híppies, tropicalistas, rockeiros, jovem-guarda e vanguardistas. Foi a primeira geração do pós-guerra mundial, que traumatizou a humanidade, eliminou grande parte da juventude masculina, redividiu política e

cartograficamente o mundo, desorganizou milhares de famílias. Antes da primeira e segunda guerras mundiais, pensava-se que o homem havia chegado à maturidade, que era, ou podia ser, a medida de todas as coisas nos respectivos âmbitos da ciência, da tecnologia, do poder político e da sociologia. O antropocentrismo era o endeusamento do ser humano, colocava-o em primeiro lugar, relegando Deus à mitologia, a uma condição de simples objeto de crença das massas incultas e religiosamente fanatizadas. O liberalismo penetrou o cristianismo, colocou em dúvida a revelação, enfraqueceu a convicção de muitos. O resultado, que ainda colhemos, é o esvaziamento das igrejas, o crescimento da imoralidade, o fenecimento da esperança, o descrédito da fé. O belicismo generalizado, inconseqüente e desumano mostrou a face brutalizada e cruel do ser humano, capaz de construir com a mão direita e destruir com a esquerda. A pretendida divinização do “homo sapiens” reduziu-se a cinzas. A brutalidade de nações cristãs como a Alemanha demonstrou que a civilização, por mais tecnológica que seja, não é capaz de elevar o homem, de verdadeiramente humanizá-lo; antes, tende a brutalizá-lo. A segunda guerra mundial, terminada em 1945, conturbou todas as mentes, mexeu com todas as estruturas sociais, mudou o rumo da moralidade estatal do orbi terrestre. A juventude do pós-guerra nasceu de pais traumatizados, decepcionados e revoltados e, em consequência, compôs uma geração disposta a romper com a tradição, a quebrar as estruturas conservadoras, a romper com o passado. Os jovens reivindicavam o novo, o diferente, o inusitado, o anti-ideológico. Ser diferente e contraditório, eis o ideal. O espírito mudancista levou a mocidade internacional a revoltar-se contra, principalmente, a família tradicional, a educação rígida dos pais, a qualquer tipo de disciplina. Foi um período de mentes confusas. O mesmo cantor que dizia: “Quero que você me aqueça nesse inferno, e que tudo mais vá para o inferno”, também cantava: “Jesus Cristo, Jesus Cresto, eu estou aqui” ou: “Nossa Senhora, me dê a mão”<sup>2</sup>. A incredulidade miscigenou-se com um misticismo romântico, resultando em comportamentos inconfessáveis como: “Paz e amor combinados com Rock, sexo livre e droga”. Trabalhando a mente dessa juventude eufórica, estava a mais intensa, a mais generalizada, a mais equipada e a mais decidida campanha de comunização que o mundo já presenciou. O arrebanhamento de jovens pelo e para o comunismo lograva êxito. Os países líderes do socialismo, Rússia e China, eram idolatrados, enquanto à nação líder da democracia, os Estados Unidos, devotava-se o mais rancoroso dos ódios. Foi nesse ambiente desestruturador que nasceram, viveram e se aculturaram os avós de hoje: mães da atual geração de “pessoas livres”, religiosamente confusas, moralmente liberais e tolerantes. Temos, atualmente, mais robôs das pequenas, grandes e mega-empresas que seres humanos nas famílias, nas igrejas e na sociedade. A atual bipolarização do ser humano, a mim me parece, pendula entre o trabalho e o prazer. A música “pop” reflete bem isso:

“Hoje é sexta-feira;/ Chega de canseira;/ Nada de tristeza; Pega uma cerveja,/ Põe na minha mesa.<sup>1</sup> É só serveja, serveja, serveja...” Há casos em que, quando o marido idoso morre, o fundamento tradicional do lar rompe-se, o arcabouço conservador quebra-se; então, a viúva sente livre, atirada ao novo mundo de suas filhas, solta-se e, na alegria jovial encanecida, fora de contexto e até de propósito, a “renovada vovó”, cheia de entusiasmo, declara: “Agora é que estou vivendo; tendo prazer na vida, setindo-me livre”.

1- Cerveja, de Leandro e Leonard0. 2- Jesus Cristo e Nossa Senhora de R.Carlos.

É a mãe da fronteira indefinida entre o tradicional e o moderno, entre a filha “pop” e a genitora “cafona”. De fato, algumas, com a epiderme facial esticada e os cabelos pintados de preto ou de amarelo-loiro para disfarçar a idade, vão até para as baladas da mocidade “tim”. Com pouco ( há exceções ) as avós modernas cooperam para a educação moral de seus netos, dos quais se transformaram em simples babás.

As avós focalizadas são as dos grandes centros urbanos e de uma sociedade religiosamente alienada. No seio do cristianismo histórico, aquele que batalha pela preservação da família, ainda se encontram reservas morais apreciáveis, principalmente nas zonas rurais e nas pequenas cidades. Nem tudo está perdido, mas tudo lentamente se perde. Uma urgente reação faz-se necessária. Não sou capaz de imaginar a minha avó atracada em outro homem, que não seja seu marido, dançando, requebrando, rebolando em um baile para a “terceira idade” e, muito menos, inconcebível mesmo, em um pagode “fank”. Os prazeres daqueles dias eram mais de natureza íntima, social, espiritual e moral que sensorial. A mulher não se sentia escrava de seu amado, de seu lar e de seus filhos. Estar com eles constituía-se em dever prazeroso e em prazer real, realizante e edificador. Um casamento indissolúvel e uma família abençoada e realizada era tudo que a mulher almejava nos tempos de nossos avós. A idéia de “casamento como meio de escravidão da mulher” apareceu no Brasil no bojo da “revolução jovem” na década de cinqüenta, trazida da Europa, onde nasceu com o movimento feminista, especialmente o da França. Até então, a união conjugal era a idealidade incontestável e os matrimônios realizavam-se sob a égide do cristianismo. Para a Igreja Católica, um sacramento, coisa sagrada, indissolúvel, portanto. Para o protestantismo, uma instituição divina. Considerava-se todo enlace matrimonial evangélico uma obra de Deus pelas mãos da Igreja: Casamento no Senhor; e o que Deus ajunta o homem não separa. Pertencendo um ao outro, dedicando-se um ao outro, entregando-se um ao outro, o casamento constitui-se na mais perfeita união entre duas pessoas, a ponto de se tornarem uma só carne, embora continuem as individualidades, mas desaparecem as idiosincrasias personalistas. Nem o marido é escravo da mulher nem a mulher o é do marido, mas ambos, segundo os propósitos de Deus, unem-se para os seguintes propósitos: a- Serem companheiros em todas as circunstâncias da existência biunitária. b-

Formarem a mais perfeita unidade humana, onde os sexos se integram sem qualquer contradição, onde o homem recupera a sua costela perdida e a mulher é osso de seus ossos e carne de sua carne, a ponto de Paulo dizer: “Quem ama a esposa a si mesmo se ama” ( Ef 5.28 ). c- Trazerem novos seres à existência, gerando-os, alimentando-os, educando-os, preparando-os para a vida; tudo em um ambiente amoroso, moral, sadio e cristão. Deus usa marido e mulher na consensualidade conjugal para gerar os “filhos da promessa”.

As avós de hoje são mais intelectuais que suas mães, mas vivem em um mundo extremamente tenso, lasso, lascivo, concupiscente e materialista. As pessoas pensam mais em si mesmas que nos outros, mesmo que “esses outros” sejam familiares. O egocentrismo, o personalismo e o individualismo conduzem a sociedade à fragmentação social. O interesse egocêntrico e antropocêntrico tem sido a causa de agrupamentos étnicos, sociais, comerciais, industriais, financeiros e até educacionais. Por trás de todas as atividades estão o lucro, a renda, o prazer, a conquista, mesmo à custa da escravização de pessoas. Os grandes grupos parentais de filhos, pais, avós, bisavós e trisavós, todos na mesma comunhão fraternal do clã não mais existem. As pessoas estão inarredavelmente vinculadas às empresas e desvinculadas das famílias ou mal vinculadas a elas. A impessoalidade está devorando a pessoalidade, mecanizando ou robotizando as pessoas. Tudo gira em torno de dois pólos socialmente imantados: Dinheiro e sexo, as fontes maiores do prazer. No meu tempo de infância as pessoas eram mais voltadas para os outros, mormente os afins: O marido para a mulher; os pais para os filhos. O alvo da vida era ser útil, não feliz ou rico. A idéia posterior de “marido provedor e mulher beneficiária no lar” praticamente não existia, pois a propriedade rural, com todas as suas atividades inerentes, e como fonte de sobrevivência, era explorada por todos os membros do clã: Esposo, esposa e filhos maiores e menores.

Quando apareceram os empregos nas primeiras empresas brasileiras, agrárias ou industriais, no momento em que ainda não se concedia à mulher os direitos de competição, ao homem, com seu pequeno salário, cabia a responsabilidade de provimento da família. Não era assim no sistema agrário de meus dias de menino. Lentamente isso foi mudando para a atual conjuntura: Provimento familiar de ambos, marido e mulher. Hoje, o compartilhamento econômico é uma realidade quase total, mas a mulher, para ser economicamente produtiva, tem sacrificado sua natureza feminina, sua domesticidade e sua maternidade.

Para escapar da escravidão branca patronal das instituições impessoais, busca-se o prazer sensorial nas bebidas, nas churrascadas, nos pagodes, no sexo e nas drogas. O prazer da mulher antiga consistia na sua realização como esposa e mãe, maternidade que se realizava plenamente em seus filhos.

A mãe de tempo integral e dedicação exclusiva ao marido e aos filhos desapareceu ou está desaparecendo. As figuras de marido-provedor e de

máter-amorosa não se encontram mais. Restam a mãe solitária e a avó-babá dos netos de um, dois ou mais genros. As pessoas fecham-se em si mesmas e amargam um solitarismo traumatizante, mesmo em companhia de consortes conjugais, de filhos e de “animais de estimação”, tão amados quanto os filhos e, em alguns casos, mais do que a eles. O amor que se dedica aos animais ( mormente cachoro e gato ) é uma distorção, no meu entendimento, dos sentimentos humanos, um desvio emocional injustificável. Os animais estão sendo incluídos na família. Os carros exibem adesivos com figuras estilizadas do marido, da esposa, dos filhos e do animal. A morte de um animal é tão pranteada e tão sentida quanto a de um parente. Tudo acontece diante de um quadro de orfandade e de renegados que, sendo humanos, vivem como e com os “vira-latas” menosprezados e refugiados na multidão dos bastardos, dos alienados: Meninos e meninas de rua; recém-nascidos abandonados nas creches e nas maternidades; todos clamando por justiça, por amor, por um lar, por cuidados e carinhos materno-paternais. A fauna tem mais defesa, proteção e prestígio que a humanidade. O mundo que se desvia dos tradicionais princípios éticos cristãos, entrega-se à inversão de valores: De Deus para o homem; da Palavra de Deus para a palavra do homem; da paternidade divina para a maternidade da natureza ( idolatria da mãe-terra ); da pessoa humana para os animais. Esse quadro horripilante retrata bem a crise de identidade em que vivemos. Nessa sociedade polivalente, antropocêntrica e individualizada, as figuras centrais do pai, da mãe, do marido e da esposa perdem, paulatina mas inexoravelmente, a identidade e o papel originais, permanecendo o coito prazeroso, a reprodução descontrolada, em grande parte, e os filhos desorientados. O caos social e familiar que se instala levar-nos-á a um fim imprevisível.

No mundo materialista, as pessoas são úteis quando servem e enquanto servem. Ao perderem a utilidade, tornam-se descartáveis, imprestáveis. Hoje, o homem e a mulher valem pelo que produzem, não pelo que são. Os valores estão invertidos: As adolescentes de nossos dias, as que vão ser mães amanhã, não admiram mais aquela que as gerou, mas são fãs de cantores populares, preferencialmente, e artistas de novelas, de teatros e jogadores de futebol. Demonstram-lhes preferência de maneira exageradamente passional. Muitas, numerosas mesmo, deslocam-se de suas distantes regiões, montam barracas na entrada dos estádios ou quadras esportivas, onde se realizarão os eventos, com três ou quatro dias de antecedência para garantirem vagas nas melhores posições de aproximação e visualidade; tudo para verem de perto e aplaudirem seus “ídolos”. Algumas delas tiram suas roupas íntimas e as atiram na direção do artista numa demonstração passional descontrolado e até de explicitação da libido. No meu tempo de criança, o ídolo da filha era a mãe, pela qual dedicava amor, respeito, obediência e consideração. O amor entre mãe e filha era profundo, imarcescível, imorredouro; começava no ventre materno e se perpetuava ao longo da vida. A preferência por ídolos

externos é sinal de que os pais não mais são modelos e heróis de seus filhos. Admirar e aplaudir um artista são expressões normais de seu público, mas demonstrar passionalidade extrema, como fazem hoje nossas adolescentes, evidencia carência afetiva e insegurança de que padecem nossos jovens. Quanto mais a sociedade evolui, mais os lares se descaracterizam, mais as pessoas se isolam, orbitando cada indivíduo em torno de si mesmo, gritando, no meio da multidão massificada, por sua identidade, pelo evidenciamento de seu ego. Há mães “pops” que se acampam com as filhas diante do local de apresentação dos artistas iconificados. Tecnológica e economicamente o mundo está melhor; mas sociológica, psicológica, ética e espiritualmente, muito, muitíssimo pior; principalmente para as mulheres, tanto para as moralmente preservadas como para as socialmente liberadas. O ônus sobre elas é pesadíssimo: Crises pré e inter-menstruais, depressão pós-menstruação, gravidez, parto, depressão pós-parto, deformações físicas causadas pela gravidez, cuidado com os filhos, trabalhos domésticos, administração do lar, emprego, trânsito, conflitos conjugais, desvios morais dos filhos, serem utilizadas como agentes produtivas, assédios morais, tensões laborais, luta para manter a aparência e conservar o visual, até por questão de preferência e a exigência de mercado. Ela tem sido mais objeto que o homem nas exploradoras mãos dos empregadores e de amantes inescrupulosos. A mulher sempre sofreu, mas, atualmente, seus sofrimentos são mais intensos, mais extensos e mais dolorosos. Dela se exige mais com menores recompensas. A competição com o homem aumentaram-lhe os padecimentos; e ela compete tanto para o bem como para o mal: Temos mulheres em todos as profissões, em todos os cargos executivos, em todas as funções legislativas, mas também as temos como cúmplices, partícipes e agentes em todas as modalidades de delitos e crimes, em todos os tipos de vícios depravantes e tráfico de entorpecentes; temo-las nas casas de recuperação, nas cadeias, nas penitenciárias e nas prisões de segurança máxima. Os gays, as lésbicas e as prostitutas disputam o mesmo espaço moral da concupiscência e enfrentam os mesmos problemas. As casas de recuperação e reeducação estão repletas de meninas; muitas ladras; algumas prostituídas; outras viciadas em drogas. As ruas das grandes metrópoles estão apinhadas de meninas e mulheres de rua, mancomunadas com meninos e homens em iguais situações. No meu tempo de criança não se ouvia falar de “mulher-bandida”, envolvida em assaltos, latrocínios e tráfico de drogas. Do universo masculinista daqueles dias escutava-se o jargão: “Cadeia é para homem”, porque a criminalidade era coisa do sexo masculino.

No meu tempo, namoro e noivado realizavam-se com o maior respeito, sem qualquer contato libidinoso. Relação sexual pré-matrimonial não acontecia. Atualmente, até nos arraiais evangélicos, o “fiçar” tornou-se comum. A liberalização libertina tem sido tolerada inconvenientemente pelas igrejas e aceita sem censura pela sociedade. Mães liberais criam filhas

liberais, que usam o sexo, preferencialmente, como fonte de prazer, não como meio de procriação e de unidade conjugal. O sexo entre marido e mulher é, por si mesmo, prazeroso, mas a sua mercantilização é corruptível e pecaminosa.

### **Da fazenda e da aldeia à polis.**

A agricultura brasileira, no meu tempo de menino rural, era extremamente empírica. O lavrador preparava ( ou despreparava ) o solo para o plantio com enxada e fogo, ambos destruidores de sua camada fértil. A enxada arrastava, de capina em capina, a camada orgânica para as partes baixas do terreno, além de facilitar a erosão. O fogo destruía o humo, a vida vegetal e a animal da área queimada e calcinava o solo. A terra, porém, era nova e, em consequência, suportava agressões por muito tempo. Havia, portanto, imensas lavouras de café, cuja cultura se associava com o cultivo de milho, feijão, cana, banana, mandioca, cará e outros; o que se fazia até o esgotamento completo da área cultivada. Quando tudo parecia correr bem, vieram as crises: O café do sudeste, cujas colheitas eram financiadas pelo governo por meio do Bando do Brasil, desvalorizou, quebrando centenas de fazendeiros, muitos dos quais se suicidaram. Para que a miséria não chegasse ao extremo, Getúlio, que havia assumido o poder no bojo da revolução de 1930, determinou a queima das produções de café até que o produto voltasse a valorizar-se. Tudo isso aconteceu por causa da queda da economia norte americana em 1929. Os efeitos agudos da brusca desvalorização duraram vários anos. Os agregados e os pequenos proprietários ou se transferiram para as cidades ou emigraram para outras regiões do país. Os grandes fazendeiros de café mudaram de atividades; alguns se transformaram em agropecuaristas; outros apelaram para a erradicação dos cafeeiros, estimulados pelo governo. Passada a crise de preço, o café brasileiro, de má qualidade, sofreu a concorrência do café colombiano, colhido maduro e despulpado, sendo o preferido dos importadores americanos e europeus, o que prolongou, pelo menos até a década de sessenta, a sua desvalorização. Deve-se acrescentar à queda da Bolsa de Nova York e à concorrência colombiana a infestação do “bicho mineiro” que, em algumas regiões, chegou a destruir mais de sessenta por cento dos grãos de café.

Uma das principais fontes de renda da Bahia, senão a maior, era o cacau. Veio, porém, a infestação bacteriana chamada Vassoura de Bruxa que, em curto espaço de tempo, eliminou os cacauzeiros baianos, causando a falência dos fazendeiros e o desemprego de milhares de trabalhadores. Os desempregados das antigas lavouras de café do Sudeste e do Sul e os das falidas culturas do cacau baiano, premidos pela carência de recursos e sem perspectivas futuras, migraram para centros urbanos e para as regiões inexploradas do Paraná e do Amazonas.

A cana de açúcar, que garantia a economia do Nordeste com inúmeros engenhos, empregando milhares de trabalhadores, deslocou-se para regiões

mais férteis do Sudeste, de mais fácil transporte da produção. O deslocamento da cana de açúcar provocou o êxodo de incontáveis famílias. Concomitantemente à transferência da produção açucareira para as terras vermelhas paulistanas, atingiu-nos a concorrência de Cuba que, financiada pela União Soviética, causou-nos consideráveis males. O açúcar brasileiro não tinha a mínima condição de concorrer com o cubano, colocado no mercado internacional a preço imbatível.

A segunda guerra mundial, embora o impacto no Brasil não tenha sido tão grande como nos Estados Unidos e na Europa, provocou conturbação social, destruição de esperanças e mudança cultural em nosso país. O movimento “hippie” demonstrou o grau de perturbação, de incerteza, de decepção e de revolta contra um mundo tradicional, firmado em bases familiares e cristãs, mas desumano, impiedoso e até mesmo cruel.

Todos os fatos mencionados contribuíram para os deslocamentos migratórios, a destruição dos modelos das famílias tradicionais. Começam as mudanças de hábitos e costumes, a transferência da coletivização para as individualizações. A juventude de meu tempo sentiu e experimentou mudanças rápidas nos campos da moralidade, da religiosidade, da cultura, da ciência geral e da tecnologia. Passou-se a entender que a pessoa humana deveria ser inteiramente livre de poderes delimitadores como: O domínio paterno-maternal, a disciplina rigorosa das escolas, os laços conjugais permanentes, a submissão da mulher ao marido, a dominação dos pais, a disciplina da Igreja. Os mestres e os pais perderam a autoridade respectivamente sobre os alunos e os filhos. Por outro lado, com a propagação do libertinismo liberalizante, implantou-se na sociedade e nas consciências jovens o liberalismo sexual, o de ação e expressão sem limites. A jovem guarda no Brasil, seguindo os Beatles, rompeu com todas as manifestações musicais anteriores, introduzindo melodias e ritmos apelativos e excitantes. Compositores popularescos introduziam em suas letras palavras de duplo sentido, apelando ao sensualismo e à imoralidade. A pornografia generalizou-se; a prostituição aumentou; a mídia lotou as bancas de publicações eróticas; apareceram os moradores de rua, homens e mulheres, que produziram os primeiros “filhos da rua”; aconteceu o crescimento urbano rápido e desordenado; multiplicou-se nos centros populosos o número de trabalhadores desqualificados. O despovoamento rural e a conseqüente superpopulação urbana criaram problemas praticamente insolúveis. O desemprego dos pais provocou o aparecimento das crianças pedintes, dos pivetes citadinos, dos meninos e meninas de rua egressos de núcleos pobres das periferias rudimentares das cidades. Já existem avós de rua. O mundo indefinido caminha para o caos social, moral e espiritual, irreversivelmente. A ponte que nos ligava ao passado ruiu. Não há retorno. Casamento agora é só uma festa tradicional requintada, despido de compromissos mútuos permanentes e sérios. É tão normal casar-se como separar-se. O sexo deixou de ser um fator

de unidade do casal, um elemento integrador, para tornar-se simplesmente meio de prazer sensório. Uma menina de dezessete anos ou tem orgulho de anunciar que não é mais virgem ou tem vergonha de dizer que é, pois suas colegas ridicularizá-la-ão por tamanha “cafonice”. Os ricos, que podem alimentar filhos, reduzem-nos a, no máximo, dois. Os pobres reproduzem descontroladamente, aumentando a população carente; e a carência dificulta a educação; a falta de educação favorece a prostituição infantil; a antecipação da prática sexual gera mães solteiras e, muitas delas, prematuras física e psicologicamente. O mal moral e social do sexualismo aumenta livre e vertiginosamente. Não se sabe aonde chegaremos. O dinheiro fácil da banda rica da sociedade, especialmente na área política; os milhões que circulam na jogatina oficial e privada; o tráfico e a venda de drogas; as propinas diversas dos corruptos; a mercantilização do sexo, tudo contribuiu para formar um tumor canceroso extremamente maligno com metástases generalizadas. Todo o organismo social está contaminado. Parte da mídia, voz que emerge desse corpo canceroso, faz apologia da degradação, defendendo direito ao sexo livre, promíscuo, hétero e homossexual; divulga, por meio de revistas, novelas e “shows”, a traição conjugal, as substituições de parceiros, os sucessivos casamentos de “famosos”; há programas televisivos com apresentadores e apresentadoras que dizem palavrões, contam ou permitem piadas pornográficas; existem publicações sociais expondo fotograficamente mulheres seminuas ou totalmente despidas, cujos propósitos são a excitação da libido e a conseqüente mercantilização do sexo ou de produtos veiculados por ele. A lassidão vulgarizada dos costumes é fator estimulante da depravação da juventude e do desvirtuamento do consórcio matrimonial. A debilitação da família debilita a sociedade. São dessas adolescências e juventudes sexualmente liberalizadas que surgem mães despreparadas educacional e psicologicamente para a vida conjugal, a gravidez e, especialmente, a maternidade.

Os deslocamentos populacionais, quando causados pelas crises, provocam transformações rápidas e profundas na sociedade, na tradição familiar, nos hábitos e nos costumes outrora lentamente sedimentados: A involução econômica do mundo nas décadas de trinta e quarenta; a tragédia da segunda guerra mundial; os movimentos libertários dos estudantes, das mulheres, dos negros e dos países dominados pelas nações colonizadoras; as migrações forçadas pelas guerras e pela fome; as explosões populacionais dos grandes centros urbanos e industriais; a reprodução imoderada dos carentes; o desemprego dos inabilitados; a exaltação e a valorização das “meninas bonitas”, muitas aliciadas para “símbolos sexuais” de clubes sociais requintados; a soma de tudo isso virou o mundo de cabeça para baixo, misturou as culturas, eliminou as tradições, e está contaminando a célula-máter da sociedade, a família que, contagiada pelo resistente vírus do modernismo, encontra-se em estado comatoso na UTI. Esse é o estado, não

geral, mas majoritário da sociedade moderna, onde as poucas mães conservadoras estão vendo suas filhas se perderem no torvelinho dos hedonismos de nossos dias e nas torvações das mentes pelos males contemporâneos. Do meio desse pandemônio ouvem-se gritos de desespero e socorro: são os clamores da veraz Igreja de Cristo, dos homens probos, das mulheres pudicas, das esposas sinceras, das mães honradas.

O Brasil agora é predominantemente urbano, sem a tradição familiar monovalente, sem casamento indissolúvel. Os contratos matrimoniais permanecem, mas sob o signo da transitoriedade, pois se firmam na economia, nos sentimentos compartilhados e no sexo. Faltando estas coisas, ou apenas uma delas, o destrato conjugal efetiva-se quase invariavelmente. A individualização das pessoas é o intransponível obstáculo à permanente unidade matrimonial. Um coração egoísta não se une a outro da mesma qualidade: “Dois bicudos não se beijam”. O Eu auto-suficiente não colabora nem aceita colaboração; apenas usa os outros como meios de realização pessoal, almejando o lucro, o status, a satisfação do ego e o prazer sensorial. Não lhe move o desejo de servir o próximo, de realizar a pessoa do outro. Isolando-se, também isola Deus de sua mente e de seu coração; somente lhe serve uma divindade submissa e beneficente, aquela que o livre do mal e o repleto de bênçãos.

A sociedade precisa de esposas verdadeiras, de mães autênticas, de maridos sinceros, de pais amigos. Ou retornemos à familiaridade autêntica, ou nos precipitemos no mais profundo e insondável abismo.

Em um dos cemitérios da capital paulista vi uma criança, de olhos tristes e semblante desfigurado, soltando uma bexiga branca de plástico com a frase: “Vovó, estou aqui”. É isto mesmo, os antepassados não podem ser esquecidos; eles nos falam hoje, dando-nos maravilhosos conselhos. Se os ouvirmos, a nossa vida, a de nossas famílias, a da nossa sociedade melhorarão muitíssimo. A experiência deles, somada aos nossos conhecimentos, ajudar-nos-á a caminhar com segurança, com esperança e com fé em Deus. Grande parte de nossa jornada nós a percorremos com os pés de nossa mãe que, depois de nos ter dado seu sangue, seu leite e seu colo, não pode ser esquecida por nós. O filho que se esquece da mãe, prejudica-se a si mesmo, e seus filhos esquecer-se-ão dele. Toda mãe enxerga na filha e nela projeta sua própria imagem, a de mulher e mãe; a filha é a exteriorização de seu ego. A instintiva preferência da mãe pela filha é fato facilmente constatável. Quando a filha menospreza a mãe idosa, fraca e doente, comete a mais ingrata das injustiças, a mais doída das dores. além de dar um péssimo exemplo aos seus descendentes. Há casos em que os cães de estimação são tratados com mais humanidade que os humanos velhos, cansados, depauperados e enfermos. Os dois extremos da vida exigem mais amor, carinho e amparo: Crianças e idosos. Nos lares antigos os encanecidos eram estimados, respeitados, ouvidos e amparados. Nas famílias modernas não há lugar para os velhos;

muito menos se lhes oferecem oportunidade de expressão e colaboração. O desamor, o abandono e o solitarismo deprimem-nos e os matam com a pior das mortes: Aquela que fere aos poucos, envenena lentamente, asfixia paulatinamente até o suspiro final.

### **Educação sexual de ontem e de hoje.**

O sexo era tabu. Os pais não falavam dele aos filhos; as mães não discutiam com as filhas problemas sexuais. A ignorância era total. Não havia, por outro lado, estímulos externos. A libido aflorava espontaneamente na época própria, a puberdade. Por falta de motivação, não havia precocidade sexual; tudo acontecia no tempo determinado pela natureza. As meninas necessitam de orientação, pois os problemas sexuais da mulher são muito mais complexos que os do homem. As ovulações mensais provocam mudanças neuropsíquicas e psíquicas consideráveis, e com manifestações específicas em cada uma. Acrescentam-se as crises do pós-parto e da menopausa. Creio que do ato sexual em si o melhor mestre é o instinto, o mesmo que une, na natureza, machos e fêmeas para a reprodução. Sempre mulheres e homens acasalaram-se, desde a pré-história e a pré-ciência; geraram filhos e os mantiveram sem “cursos de práticas coitais”. Para o cerne sadio da humanidade, formado de famílias sólidas, Deus sempre uniu os afins, os que seriam capazes de se amarem permanentemente, realizando-se como marido e mulher e como pais e filhos.

As roupas íntimas femininas de nossas avós eram estendidas no varal sob lençóis ou cobertores. Não podiam ficar à vista. As masculinas, cuecas e cueções ( não havia short e não se usava bermudas ), em algumas casas, ficavam expostas, enquanto secavam. A calça íntima da mulher, embora justa, tinha pernas relativamente longas, cobrindo parte das coxas. O corpo da jovem, ocultado pelas vestes, provocava imaginações libidinosas nos pretendentes e desejo de conquistá-las. A mulher sabia usar o corpo e as indumentárias discretas sedutoramente. O homem aproxima-se da mulher é atraído pela mulher como a vespa pela luz; e ela é mestra em “mostrar-se” aos encantados olhares masculinos. Seduzir é uma arte feminina.

As moças e os rapazes casavam-se completamente indoutos em questões sexuais, fato que lhes dava as vantagens da “descoberta” e da eclosão natural do instinto libidinoso, que reforçava o prazer erótico. A noite de núpcias revestia-se de inusitabilidade, de invasão do desconhecido, de experiências sem preconceitos, de aventuras sem previsões racionais antecipadas, sem vulgarizações. O desconhecimento, de certa maneira, era melhor que a vulgaridade causada por instruções, imitações e ações do sexo atual, segundo as normas da mídia. A mulher, por não exhibir coxas e seios, excitava muito mais os homens, que a imaginavam corporalmente linda e sensual. A sua “descoberta” no tálamo nupcial, embora no escuro, era extremamente excitante, sendo o conúbio da primeira noite profundamente marcante na vida de ambos. A ignorância, portanto, não era totalmente ruim.

A expectativa romântica acentuava-se pelo ocultamento das partes sensuais da mulher e pela preservação de sua virgindade.

Hoje, a cultura liberalizante, a propaganda sexual ilimitada e o uso mercantil do sexo promovem um sexualismo degradante e antecipações indesejáveis: Meninas e meninos de tenra idade, na pré-adolescência e na adolescência, entregues à mais desbragada prostituição.

As crianças, à guisa de ensino sexual, aprendem mais do que devem para a idade, estimulando o sexo prematuro, a gravidez precoce, a exibição da libido pré-adolescente e a conseqüente pedofilia, muitas vezes insinuada, ou mesmo buscada pelas próprias meninas em troca de dinheiro. As prostitutas mirins procuram “seduzir”, especialmente motoristas de caminhão, que passam longos e solitários dias fora do aconchego das esposas. Creio serem as meninas de hoje vítimas de mídias sem censura: televisão, cinema, internet, revistas e jornais. Acrescenta-se à influência dos meios de comunicação a exagerada valorização de “modelos”, inclusive “modelos mirins”. Toda menina aspira ser modelo, a exibir suas “qualidades físicas” que, ao longo do processo, pode redundar em prostituição. Algumas, antes da idade adulta, prostituem com os seus próprios “financiadores”. O sonho e o alvo das meninas de meus tempos de infância era ser esposa, não modelos ou misses.

Ouvi falar, não sei se é verdade, de uma professora que, em aula de sexo, mandava meninos e meninas despirem-se, ficando seminus, a se acariciarem mutuamente, exatamente como seus pais fazem. Tal tipo de aula não é de sexo, mas de estímulo da libido, de deseducação sexual. Nos nossos concupiscentes dias, meninas de nove ou dez anos “já fazem programas” com adultos, e muitas delas se engravidam. Prefiro a rigidez de meus dias de criança ao liberalismo sexual dos tempos atuais. Os lares eram mais sólidos; o amor era mais sincero e, por ser sincero, permanente. As meninas liberadas são tentações fortíssimas para certos homens idosos, que podem chantageá-los financeiramente. Há anos, visitei um “pedófilo viúvo maduro”. Em conversa, ele me disse: “A menina tentou-se até que eu caísse; depois me chantageou. Quando lhe neguei dinheiro, ela me denunciou, jogou-me neste cárcere”.

O sexo restrito ao casal, despido de promiscuidade, evitava doenças sexualmente transmissíveis como, por exemplo, sífilis e AIDs, além de preservar, em grande parte, a fidelidade conjugal e a honra das mães, nossas atuais e respeitáveis bisavós.

Alguns pais, marido e mulher, entendem ser educativo tomar banho com seus filhos e filhas, todos nus. Entendo, como cristão, que os pais não devem descobrir a nudez diante dos filhos por dois motivos: Primeiro, o sexo não é tabu, mas também não se recomenda a sua exposição; é falta de pudor. Segundo, a vestimenta tem três objetivos: 1- Cobrir o corpo, protegê-lo das intempéries. 2- Embelezá-lo, dar-lhe visibilidade agradável. 3- Comunicar respeito, autoridade e dignidade. Exemplos: O terno cobre, embeleza, comunica respeito, reverência e solenidade; a farda do militar e a toga do

ministro expressam funções e autoridade. Quando os pais se despem diante dos filhos, as autoridades paternas e maternas sobre eles ficam comprometidas, por mais que neguem tais consequências. Não foi sem propósito que Deus vestiu o primeiro casal, imediatamente após a queda de ambos.

O ensino sexual é necessário, mas tem de ser administrado com prudência e comedimento, para que a exposição da imagem didática dos órgãos reprodutores seja despida de qualquer conteúdo libidinoso. A aula sobre sexo em classe de adolescentes, se ministrada em linguagem chula ou excitante, pode transformar-se em comunicação erótica deseducadora e até corruptora dos bons costumes e da moralidade cristã sadia. O professor de sexo deve ser, antes de tudo, um exemplo de ética sexual para seus discípulos, tanto na expressividade como na comportamentalidade. O limite entre a exposição técnica dos órgãos reprodutores e a pornografia é estreitíssimo; ultrapassá-lo é fácil; mesmo porque, em aulas sobre sexo, as perguntas curiosas ou maliciosas podem surgir; casos em que o mestre precisa demonstrar prudência e sagacidade. Nossos pais pecavam por falta; nós pecamos por excesso. Os pais crentes têm a obrigação de falar aos filhos sobre sexualidade masculina e feminina. As mães cristãs precisam conversar com suas filhas sobre sexo, ensinando-lhes que foi Deus quem o criou para estabelecer unidade e companheirismo entre marido e mulher, trazer ao mundo novos seres humanos, criar e manter vínculo amoroso e prazeroso entre esposa e esposo via matrimônio. Dizer-lhes que o pecado, que contaminou tudo, corrompeu também o sexo, transformando-o em simples fonte de prazer e meio de lucro. Mercantilizá-lo é pecaminoso, uma afronta ao Criador, uma agressão à moral, uma perversão do ser humano, um desvio ético da moralidade. O sexo simplesmente por prazer e por lucro não passa de desregrada sodomia.

A virgindade da noiva é o símbolo da Igreja fiel, a esposa incontaminada de Cristo. Deve, portanto, ser preservada, para que a noiva possa casar-se dignamente com vestido nupcial branco, véu e grinalda. Se ela prostituiu com seu noivo, a vestimenta alva, símbolo de pureza, será uma mentira, uma falsidade diante de Deus e da Igreja. No meu tempo de criança, as moças, geralmente, casavam-se virgens, vestidas como a Igreja, que está sempre ataviada para as bodas do místico consórcio: Noivo & Noiva, uma unidade sem jaça. Muitas delas, porém, nada sabiam sobre menstruação, concepção, gravidez e parto. Sobre o órgão sexual masculino, com o qual teriam de lidar, não recebiam nenhuma informação. Nestes casos, o sexo tabu tinha consequências claramente negativas, embora a própria natureza gerasse a compulsão e a impulsão sexual em ambos os gêneros, levando-os ao coito instintivo, costumeiramente correto. Os animais não recebem aulas de sexualidade, no entanto praticam sexo corretamente e sempre no momento oportuno. Os índios reproduzem-se; as índias engravidam-se e dão à luz

filhos, criando-os segundo os instintos da procriação, da sobrevivência e da perpetuação da espécie. Tudo muito natural. Bem próximas da cultura indígena estavam as famílias de meus dias de menino.

Deus, pela natureza, une casais e, por meio deles, multiplica os seres, estabelece as gerações, mantém e sustenta as posteridades. A intervenção do homem, quanto à margem da vontade divina, atrapalha, mesmo tendo o propósito de ajudar.

Pretendendo o homem controlar os nascimentos, o curso da vida e a morte, tem causado, ao mesmo tempo, benefícios e malefícios. As maiores vítimas da tecnologia são as mulheres, embora sejam, em muitos casos, beneficiárias. O parto sem dor e as cesarianas favorecem a mulher, mas agredem o feto. A minha mãe concebeu, administrou a gravidez, deu à luz seis filhos sem pré-natal, maternidade e ginecologistas; tudo de maneira natural, acompanhada de parteiras analfabetas, que agiam com a mão da natureza, não a dos médicos devidamente instrumentalizadas tecnicamente. Deus sempre cuida daqueles que, por meio da reprodução, traz ao mundo descendentes. Sempre fez isso, desde a pré-história. Admirava-me ver dona Celina, mãe de vinte e dois filhos, todos perfeitos e sadios: Concebeu-os, gestou-os, deu-lhes à luz, amamentou-os sem nenhuma assistência ginecológica, pediátrica e nutricional. Dos meus três últimos filhos, dizia, o parteiro foi meu marido. Já era trisavó, quando a conheci, jovial, lépida e ativa: Cuidava da casa e ainda ajudava o esposo na roça. A vó Celina, como era chamada, tornou-se a conselheira das mulheres novas da região. O contato integrativo com a natureza dava às pessoas das zonas rurais daqueles tempos saúde, vigor físico, resistência e incrível disposição para o trabalho.

Hoje se fala, até com certo laivo pejorativo, da relação sexual “papai-mamãe”; isto porque se criaram distorções sexuais, objetivando a intensificação dos prazeres concupiscentes como, por exemplo, as diversas fantasias eróticas. O tálamo de nossas avós, além de ser íntimo, era honrado e dignificado pela sensatez do casal e o amor sem mácula. Lembro-me do seguinte diálogo entre dona Antônia e uma de suas numerosas netas: -“Vó: Meu marido passa dias na internada do gado, deixando-me sozinha”. -“Filha: Ele a levou no seu coração, e você ficou com Deus”. - “Mas é difícil, vó, porque não sei o que ele faz por lá”. -“Filha, o mesmo ele poderia estar pensando: O que você estaria fazendo longe dele. Não havendo confiança mútua, nenhum casamento perdura. Espere-o com carinho redobrado, pois ele está na internada por sua causa e por causa de seus futuros filhos”. Que sábio conselho dessa sábia vovó. O marido, ao retornar da internada, trouxe um chifre envernizado de boi com a seguinte frase gravada a fogo (pirotecnia): “À minha inesquecível Roseli”. Soube, já na minha velhice, que a morte separou esse casal em avançada idade, mas com amor mútuo mais sólido, mais doador. Casamento naqueles tempos era realmente indissolúvel. Dizia-se, com propriedade, que “o amor é como vinho: quanto mais velho, melhor”;

“como o pão-sovado: quanto mais batido mais cresce, mais gostoso fica”. Eu e Oneidia, que nos casamos em 1961, já comemoramos nossas “Bodas de Ouro”, e somente a morte nos separará.

Para que o amor perdure, três desvirtudes não podem haver: Ciúme, suspeita e desconfiança. O ciúme, como manifestação de zelo, há em todas as relações amorosas; porém, quando ele se desvia para possessividade exagerada e doentia ou para a passionalidade, torna-se destrutivo da união. O ciúme, quando atinge nível patológico, transmuda o amor em ódio, sendo o ciumento capaz de assassinar o ex-amado ou a ex-amada. Nossa hinologia tem um hino sobre “A Excelência do Amor” de onde destaco os seguintes versos: *“Com suspeitas não se alcança/ Vero amor, vero amor!/ Onde houver desconfiança,/ Ai do amor, ai do amor!”* ( S. P. Kalley).

As uniões conjugais daqueles tempos permaneciam pelos motivos que passo a relatar:

Primeiro: Havia uma cultura cristã sólida sobre o casamento, que ensinava ser a união conjugal resultado de um pacto de duplo compromisso: Com Deus e um com o outro no ato matrimonial.

Segundo: Jamais se casava, tendo no coração e na mente, a possibilidade de “não dar certo”; tal coisa não passava pela cabeça dos conjugalmente consorciados; não havendo, portanto, sedimentos psicológicos internos capazes de gerar tal expectativa.

Terceiro: Rapazes e moças cresciam juntos no “compadrismo rural”. Conheciam-se desde crianças e conheciam os pais de ambas as famílias entrelaçadas pelos laços conjugais dos filhos. A possibilidade de se casar com “estranho(a)” era raríssimo. Lembremos que vivíamos em sociedades tribais, de “guetos” culturais muito sólidos. Hoje, em quase a totalidade dos casamentos, as pessoas revelam-se depois de algum tempo de vida conubial; quando a incompatibilidade de cultura ou de temperamento ( incompatibilidade de gênios ) revelam-se, tornando-se insuportável a convivência. A variedade de culturas amalgamada na sociedade atual dificulta o conhecimento real das pessoas, fato que reflete nos casamentos atuais. Acrescentem-se ainda o “eu” interior psicológico de herança genética e o “eu” exterior da multiculturalidade, aquele que se apresenta conforme as conveniências e as situações.

### **O remanescente fiel.**

Ainda existe uma pequena reserva de famílias nos moldes tradicionais na Igreja Católica tradicional e nas igrejas evangélicas históricas, onde a indissolubilidade do casamento e a educação familiar são mantidas. Se o casamento misto representava algum perigo no tempo de nossas avós, atualmente o risco é consideravelmente maior, porque a cultura do mundo tornou-se materialista, centrada no “ego”, no individualismo. Uma presbiteriana que se enamora de um colega universitário e, mesmo depois de

longo tempo de namoro e noivado, case-se com ele, pode correr o risco de enfrentar problemas sérios como:

a-Colocar na sua cama um homem sem nenhum escrúpulo sexual, conspurcando, imagina-se, um corpo regenerado.

b-Descobrir, na mais crua das realidades, que realmente não pode haver união entre um filho das trevas e uma filha da luz; e a união conjugal é a mais íntima possível.

c- Ceder ao assédio do mal, renegando a sua fé. A carnalidade corrompe a santa conjugalidade.

d- Ver os seus filhos, por influência ou por ação, acompanharem o pai no seu mundanismo.

e- Ter de suportar, em virtude de sua formação cristã, um marido indesejado e indesejável até o final de sua vida ou ser abandonada por ele, que almeja uma mulher apenas para o sexo, não para ser sua companheira e mãe de seus filhos. Casamento de cristão com um não cristão é uma incógnita, um salto no escuro; uma decisão arriscadíssima.

O mesmo que se disse do jugo desigual entre uma regenerada e um não-regenerado, vale para a situação inversa: Homem crente com mulher sem crença.

Deus criou o par humano à sua imagem e semelhança: *Deus criou, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou ( Gn 1. 27 )*. A relação de homem e mulher, segundo os propósitos do Criador, é de igualdade, de parceria, de consensualidade. A relação de ambos com Deus é de fé, submissão, obediência, respeito e adoração. A subordinação da mulher ao homem e por ele jamais foi da vontade do Criador. A mulher evangélica de meu tempo de infância, e poucas havia, eram extremamente submissas a seus maridos, mas não percebi nenhum esposo crente subordinador de sua esposa. As famílias evangélicas eram exemplos de decência, moralidade, dignidade, honra e religiosidade.

Em nossa Igreja, a IPB, a Sociedade Auxiliadora Feminina tem sido uma fonte conservadora e um grande mecanismo de controle social, moral e espiritual, especialmente nos grandes centros urbanos, onde a indefinição, as incertezas, os individualismos e a irreligiosidade são as forças dominantes dos indivíduos, dos grupos, das sociedades, dos clubes-sociais e inclusive dos educandários, que estão transmitindo muita ciência e tecnologia e quase zero de educação. Também seus professores procedem da mesma cultura geral de seus discípulos: O liberalismo ético, o ideologismo político, o sexismo ilimitado.

**Discriminação.** Havia um reduto alemão, no qual se dizia existir discriminação de brasileiros, índios e negros. Tomei conhecimento de um caso discriminatório específico: Um brasileiro de tez morena apaixonou-se por uma descendente de alemão. O pai opôs-se ao namoro; não conseguiu impedi-lo. Tornaram-se noivos, mesmo com o impedimento paterno. O

casamento realizou-se sem o aval do pai. A paixão, mormente a bilateral, é irresistível e indestrutível. O marido de cor morena ou parda já faleceu, mas a viúva ainda vive. Foi um casal bem sucedido. Meu pai enviuvou-se de uma mulher branca, e se ajuntou com negra, que foi uma bênção para ele, especialmente na velhice. Os negros não eram discriminados, embora houve muitas piadas de negro como as havia de portugueses. Tais piadas eram folclóricas, não necessariamente de discriminação. Minha própria madrasta gostava de contar piadas de negro, “mangando” de sua raça.

### **A ajudante doméstica.**

Quase todas as fazendeiras rurais tinham auxiliares domésticas, com as quais se tornavam íntimas, irmanavam-se, trabalhavam juntas, dividiam tarefas, compartilhavam refeições, fabricavam guloseimas, costuravam, bordavam, tricotavam e faziam crochês. Eram associadas em todos os afazeres domésticos. A dona da casa e sua auxiliar não se separavam; uma não vivia sem a outra. A ajudante não era empregada, mas uma agregada da família. Não tinha salário, mas recebia o mesmo que as filhas do casal: Cama, comida, roupa, sapato, material higiênico, produtos de beleza e tratamento de saúde, quando necessário. Conheci uma auxiliar de fazendeira, no sul do Espírito Santo, com mais de cinquenta anos de casa. A matriarca me disse: Fulana veio para minha casa com menos de doze anos. É mais que minha filha; é minha mão direita, minha amiga, minha confidente. Fizemos o casamento dela; demos-lhe uma casinha com gleba de terra, onde o marido trabalha. Na casa dela não falta nada: o que temos, compartilhamos com ela. Ela terminou de crescer conosco, aprendeu conosco as prendas domésticas, tornou-se uma dos nossos; vai morrer conosco. Esse não é um caso isolado; testemunhei muitos, casos semelhantes; e alguns ainda existem, principalmente nas cidades bucólicas do interior e nas persistentes fazendas agropecuárias, principalmente no Estado de Minas. Suponho que tal tipo ou modelo de relação tenha vindo da época da escravatura, da senzala, em que a “sinhá” e a escrava, não raro, tornavam-se íntimas e até confidentes. Por exemplo: a ex-escrava, Mariana Pará, desde criança viveu submissa à sua dona. Alforriada, não quis afastar-se de sua senhora, a quem amava sinceramente. Ela morreu muito depois de sua patroa, com cerca de 110 anos, mas na condição de livre auxiliar da mesma família<sup>1</sup>. Laços de amizade, de confiança, de interação emocional não se interrompem. A senhora Cizalpina, de Governador Valadares, tem uma mulher, sua auxiliar doméstica, que vive com ela há mais de 30 anos. Os filhos afastam-se por casamento, estudos ou profissão, mas a auxiliar permanece.

A cultura moderna e o oficialismo das relações patrão-empregado eliminaram, quase totalmente, os vínculos fraternais de “patroa-empregada”, gerando o processo de exclusão da saudosa e benéfica figura da “auxiliar doméstica”, que se incorporava à família patronal como “verdadeira filha adotiva”: assim constituída por nexos emocionais e sentimentais. Mesmo

quando as relações não duravam muito tempo, os vínculos entre patroa e sua auxiliar estabeleciam-se e permaneciam fundamentados na fraternidades, não em princípios e normas trabalhistas, quase todas impositivas e coercitivas.

As auxiliares domésticas, geralmente, surgiam dos meios sociais circundantes: filhas de agregados, de meeiros, tarefeiros ou empregados; pessoas conhecidas e, portanto, bem referenciadas. Além do mais, todos viviam vidas simples, modestas, sem luxúria. Não havia distinção nítida de classes sociais, econômicas, culturais e profissionais. Como dizia minha tia-avó: “Aqui, todos comemos no mesmo prato”.

### **Empregada doméstica.**

As relações modernas entre patroa e empregada doméstica são de natureza oficial, legal, trabalhista. O oficialismo relacional oblitera, consideravelmente, o sentimentalismo e o emocionalismo: A empregada acautela-se contra a patroa; e esta, contra a empregada. Há sempre entre ambas uma sombra de dúvidas, de desconfiança, pois o legalismo transformou a dona de casa em agente empregadora, em mera fonte pagadora; e, por outro lado, converteu a “auxiliadora doméstica” em “funcionária”, em prestadora de serviços remunerados, realizadora de tarefas diárias sistematizadas, preordenadas, pré-fixadas. A naturalidade e a espontaneidade, havidas na comunhão antiga entre patroa e sua “secretária”, desapareceram. Aquela dona de casa que fazia tudo por sua “companheira doméstica”, dando-lhe cama, comida, roupa, calçado, remédio e folgas acidentais, conforme suas necessidades, não mais existe. Agora, os benefícios, os deveres e as obrigações são contratuais. A patroa não pode mais “ter pena” de sua empregada, pois essa não tem obrigação de “ter pena” de sua patroa, e geralmente não tem. É comum ouvir-se de muitas empregadas domésticas: “Comigo, patroa andou fora da lei, levo p`ro pau”. A “patroa-mãe”, de saudosa memória, desapareceu. A “trabalhadora-filha”, beneficente e beneficiária, foi substituída pela “operária-CLT”, cada vez mais firmada em fortes “direitos” e em fracos deveres. A moderna dona de casa tem de aturar, no recesso de seu lar, uma “pessoa profissionalizada”, de olho mais nas benesses da lei que em suas obrigações trabalhistas contratuais. A intimidade do lar, em números casos, está sendo prejudicada pela introdução de profissionais estranhas ao corpo familiar especificado e caracterizado. O lar virou “empresa empregadora”; ficando a dona dele como “empresária” anotadora de “hora de chegada”, “hora de saída” e “índice de produtividade”. O modernismo, que trouxe no bojo o oficialismo, automatizou os contatos relacionais entre patroa e empregada. A casa da mulher moderna, que já era mais dormitório que aconchego doméstico, deixou de ser o “dece lar” para converter-se em “empresa empregadora”. E aquela “mulher-mãe” que trabalha oito horas por dia fora de casa, como fiscalizar bem sua “empregada-CLT?”; como saber se seu filho, ou filha, está sendo bem “oficialmente cuidado?”. A mulher rica pode contratar “profissionais” para exercer funções

de arrumadeira, passadeira, cozinheira, babá e governanta, mas lidará com mais dificuldades administrativas e mais problemas trabalhistas. A mulher de classe média baixa terá de contentar com a empregada “faz-tudo”, que nem sempre faz tudo direito. A “família-escola” desapareceu. A empregada profissionalizada e legalizada precisa dominar bem sua profissão: Lavar, passar, cozinhar, arrumar, limpar a casa e cuidar das crianças, não podendo alegar incompetência ou inabilitação em nenhuma dessas tarefas. A jornada de trabalho é de oito horas por dia, sem postergação e sem faltas injusticadas. Ser dona de casa hoje, precisando trabalhar para aumentar a renda familiar, e sendo obrigada a empregar em sua casa uma “profissional”, com frias relações trabalhistas, para, principalmente, tomar conta de bebês e filhos menores; levá-los à escola e buscá-los, higienizá-los e alimentá-los, tudo no enquadramento dos prescritos horários de trabalho, com certeza, será um imenso problema.

Todas as mulheres e moças que trabalharam em nossa casa tiveram carteira assinada, a parte legal do INPS paga, férias remuneradas, acrescidas de um terço, e 13º salário. Nós a chamávamos de “nossa secretária”. Agora, tudo mudou: As relações fraternais foram abolidas por lei; e quem as praticar, correm o risco de decepção e, pior, sofrer ingratidão, pois “capital e trabalho” são impessoais e, muitas vezes conflitantes. Cada patroa, rica ou pobre, estará sob vigilância nada amigável do “Sindicato das Empregadas Domésticas”. São espinhos, alguns venenosos, e urticárias irritantes da esposa- genitora moderna. Muitas “justiças” serão impostas pela Justiça do Trabalho, mormente às patroas, e muitas injustiças também. No recesso do lar, duas pessoas relacionam-se, quase sempre sem testemunhas. Havendo conflito de natureza trabalhista, a palavra da “coitadinha da empregada”, “humilde”, “sem defesa”, ecoará mais forte e convincentemente nos ouvidos dos julgadores. Nesse caso, a corda rebenta do lado supostamente mais forte. O arbítrio, certamente, facilitará a “profissional doméstica. É assim; e pode ficar pior, se vier a comunização das “camaradas domésticas”.

### **Conclusão:**

Procurei traçar um retrato da mulher de minha infância comparado com o perfil da de hoje, tendo por base as famílias de minha região daqueles tempos. É possível que haja diferenças pontuais, mas as coincidências, imagino, serão maiores que as diferenças, porque havia e ainda há um tranfundo cultural generalizante e unificador do(a) cidadão(ã) braseleito(a), especialmente quanto à religiosidade e à sexualidade. Os sentimentos de moralidade e de cristianidade estão enraizados e sedimentados na mente de nossos compatriotas, mesmo sob as distorções modernistas. Há regiões onde a influência dos meios internacionalizados de comunicação são mais amplos e mais acentuados, mas há também núcleos conservadores nos quais a mídia passa pelo crivo da censura ética regionalizada.

Às vezes fui muito direto nos comentários e contundente nos conceitos, que entendia serem, senão os verdadeiros, pelo menos os mais consentâneos com o meu tempo, meu rincão e minha formação moral e religiosa. A minha intenção foi boa; a comunicação dela fica ao seu juízo.

1- Fiz o ofício fúnebre de Mariana Pará em 1968. Tinha sua casinha e o sustendo dos descentes dos antigos senhores por meio da Igreja Presbiteriana.